

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Departamento de História

ANA CAROLINA BITTENCOURT LEITE

Uma Introdução ao *Frahang ī Pahlavīk*

Brasília - Distrito Federal
2018

ANA CAROLINA BITTENCOURT LEITE

Uma Introdução ao *Frahang ī Pahlavīk*

Monografia apresentada ao programa de graduação de História da Universidade de Brasília como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Vicente Dobroruka

Brasília - Distrito Federal
2018

ANA CAROLINA BITTENCOURT LEITE

Uma Introdução ao *Frahang ī Pahlavīk*

Trabalho de Conclusão de Curso ao
Departamento de História do Instituto de
Ciências Humanas da Universidade de
Brasília.

Brasília, ____ / _____ / ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Vicente Carlos Rodrigues Alvarez Dobroruka
Universidade de Brasília

Prof. Gilson Charles dos Santos
Universidade de Brasília

Prof. Miguel Ángel Andrés-Toledo
Universidad de Salamanca

Sumário

Resumo

Agradecimentos

Introdução

Capítulo I - Persa Médio: a língua

Capítulo II - Pahlavi: o sistema de escrita

Capítulo III - O Frahang-ī Pahlavīk

1 FiP: um trabalho lexicográfico

2 Os lemmata do FiP

3 As edições ocidentais

4 Os manuscritos

5 O arranjo do FiP

6 A necessidade de um trabalho lexicográfico para os escribas sassânidas

Pensamentos finais

Bibliografia

RESUMO

O *Frahang ī Pahlavīk* é um tesouro em persa médio, cujo conteúdo difere dos glossários comuns. No lugar de ser um trabalho de referência para sinônimos de palavras faladas, o *Frahang ī Pahlavīk* foi originalmente escrito para explicar logogramas e, mais tarde, ortografias arcaicas e obscuras, ou seja, ele é um tesouro voltado para a língua escrita. Este uso, no entanto, alterou-se no cursar do tempo e, ao séc. XVIII, o tesouro já era erroneamente percebido pelos seus usuários tradicionais como um glossário bilíngue. Esta monografia pretende ser uma introdução útil ao *Frahang ī Pahlavīk* tendo como eixo análises breves das formas de seu consumo e dos possíveis contextos de sua produção com o intuito de identificar o período de sua concepção geral.

Palavras - chave : Império Sassânida, Iranologia, Lexicografia, Persa Médio, Zoroastrismo.

ABSTRACT

The *Frahang ī Pahlavīk* is a Middle Persian thesaurus, whose content differs from regular topic glossaries. Instead of being a reference work for synonyms of spoken words, the *Frahang ī Pahlavīk* was originally written to explain logograms and, later, archaic and obscure Middle Persian spellings, in other words, it is an orthographic thesaurus. This usage, however, changed over time and, by the 18th century, the thesaurus was mistakenly perceived by its traditional readers as a bilingual glossary. This monograph intends to be a useful introduction to the *Frahang ī Pahlavīk* having as a research axis analyzes of its consumption and of its possible production contexts in order to pinpoint the period of its general conception.

Keywords: Iranology, Lexicography, Middle Persian, Sasanian Empire, Zoroastrianism.

AGRADECIMENTOS

Nos últimos quatro anos, conheci pessoas maravilhosas que certamente tiveram um grande impacto no meu auto-aperfeiçoamento quanto a questões pessoais e acadêmicas. Para essas pessoas, reservei um agradecimento silencioso, mas ainda assim grato, pois decidi explicitamente expressar aqui minha gratidão àqueles absolutamente importantes em minha trajetória acadêmica percorrida até o momento.

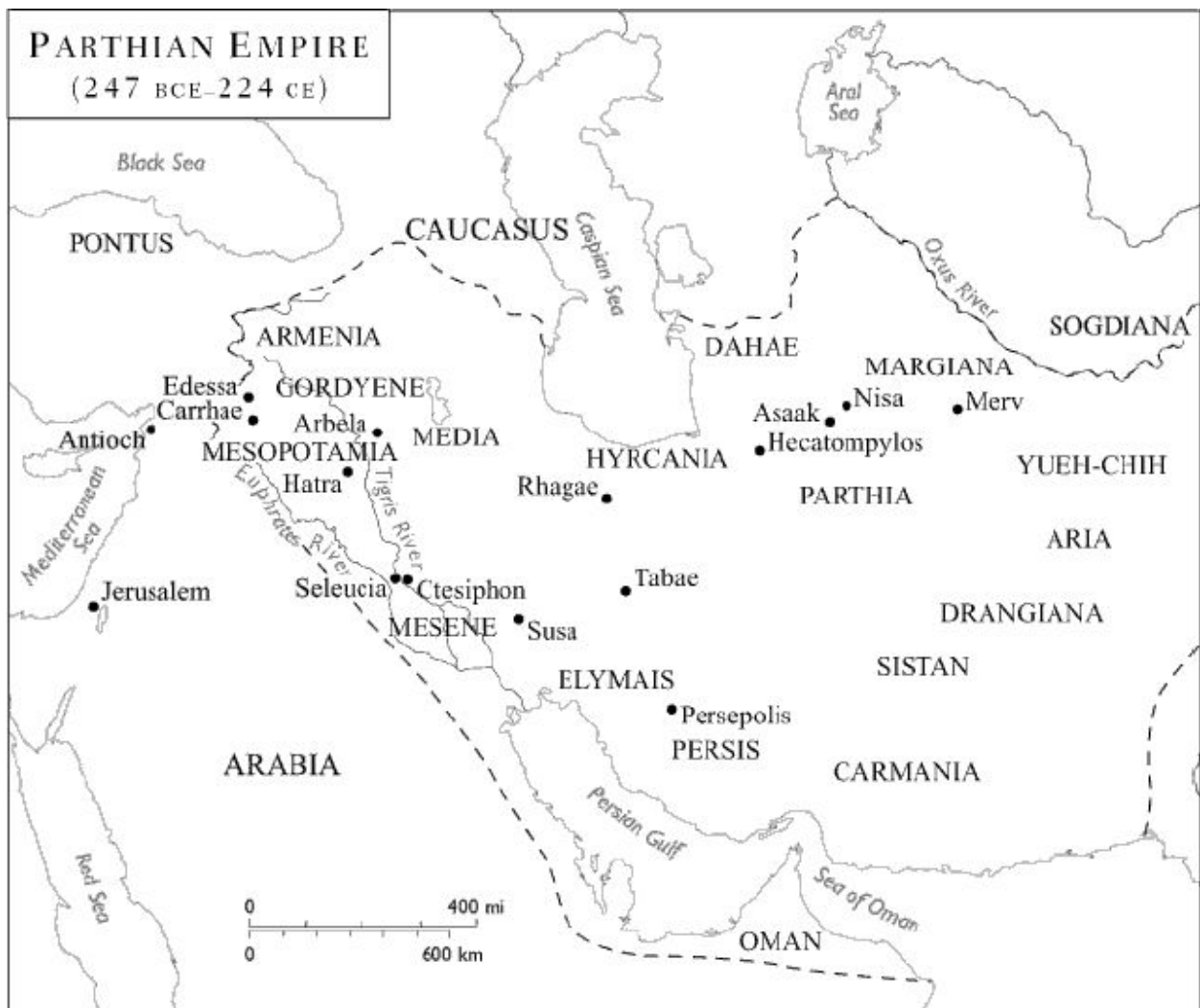
Para Vicente Dobroruka: obrigada por suportar as vezes em que tive que adiar a entrega de um trabalho ou monografia. Nós nos conhecemos há muito tempo, e sou completamente grata pela sua paciência nestes últimos anos e por acreditar em mim mesmo quando eu não conseguia fazê-lo.

Para Rosana de Sousa Bittencourt, minha mãe, e Henrique Leite, meu pai: embora eu não seja a melhor filha quando se trata de afeto, e mesmo que haja uma grande chance de vocês não lerem isso, eu escrevo para que eu possa manifestar a minha mais profunda gratidão e apreço por vocês. Eu aprendi nos últimos anos que ter pais tão solidários e amorosos não é tão comum quanto vocês me fizeram acreditar com seus cuidados. Esta monografia é dedicada a vocês.

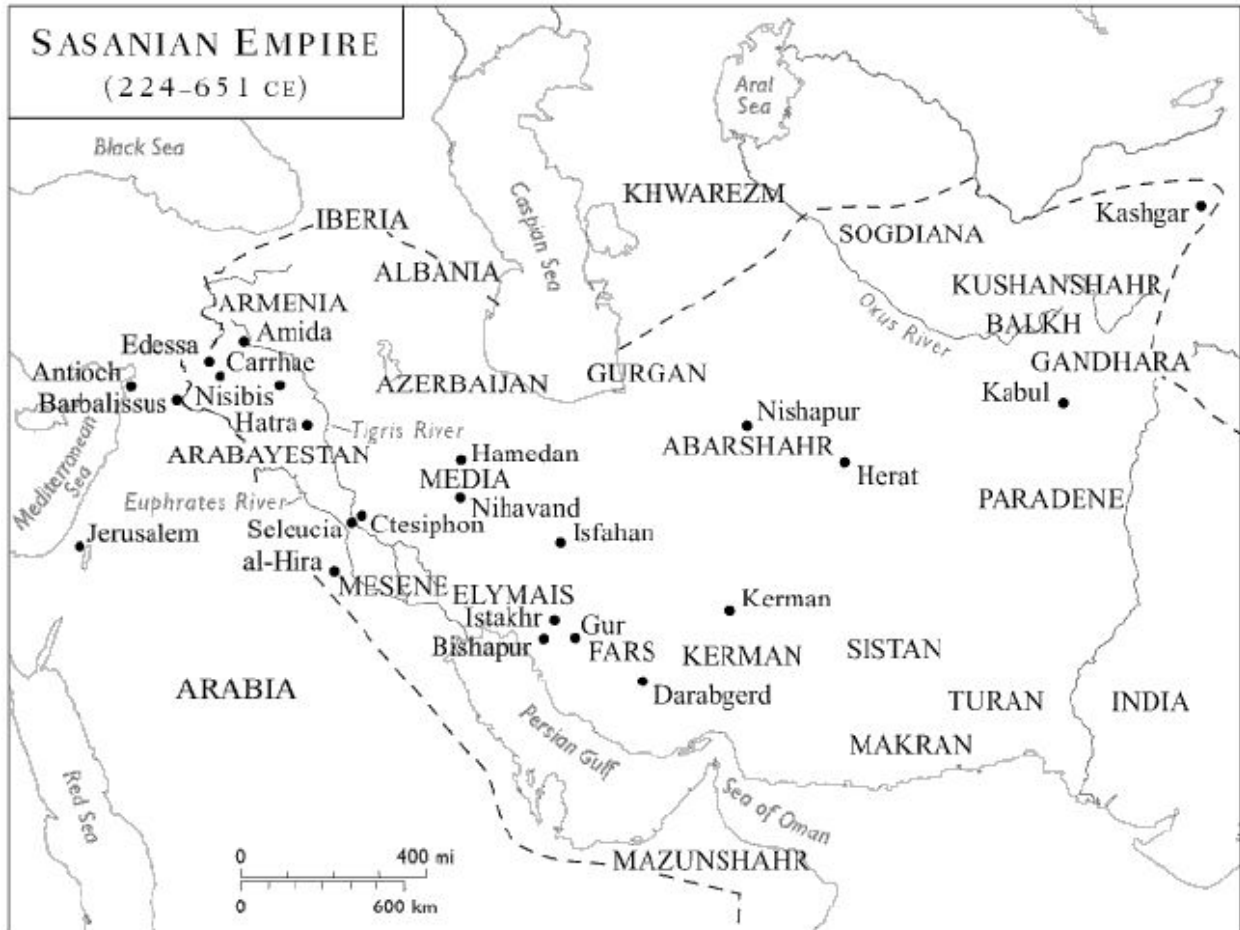
MAPAS

[Todos retirados de *The Oxford Handbook of Iranian History*.]

1. Império Parta 247 a.C. - 224 d.C.



2. Império Sassânida 224 - 651.



3. Irã medieval



GLOSSÁRIO BÁSICO

Avéstico: derivação do nome do livro religioso “avesta” dada à língua sagrada do zoroastrismo, a qual por milênios transmitiu oralmente as tradições e ensinamentos da religião. O registro gráfico de tal aparato religioso ocorreu por meio da fabricação de um sistema de escrita especial para dita tarefa. Esse sistema chama-se igualmente avéstico e seus grafemas são oriundos da escrita pálavi.

Pálavi: historicamente pode se referir a região da Pártia ou à língua parta; academicamente designa o persa médio utilizado e conservado pelos sacerdócio zoroastrista e/ou o sistema de escrita usado pelos zoroastristas para compor textos em persa médio. Além da escritura zoroastrista, a qual recebe o nome mais específico de “pálavi do livros” (Book Pahlavi), o pálavi denota abrangentemente um conjunto de sistemas de escritas descendentes do Aramaico Imperial.

Pārsi: em termos gerais, parsi pode denominar tudo aquilo proveniente ou tradicional à região iraniana de Pars (escrita nos mapas acima como Fars). Na academia contemporânea, parsi é o nome comumente usado para o persa moderno em seus séculos iniciais grafado no alfabeto árabe. Há a preferência decorrente de sentimentos nacionalistas de chamar o idioma atual do Irã de parsi em substituição do seu derivado “farsi”, o qual é a forma atualmente adotada como padrão. Parsi também é o nome dado à comunidade zoroastriana que se refugiou da invasão árabe no noroeste da Índia

Pāzand: na academia é essencialmente o sistema de escrita avéstico, do qual se distingue pela aplicação, que se resume a transcrever para grafemas avésticos textos em pálavi.

Persa médio: termo que agrupa os diversos dialetos existentes no planalto iraniano que juntos representavam o idioma sucessor do persa antigo e anterior ao persa moderno. Seus falantes concentravam-se na região de Pars.

INTRODUÇÃO

[Esta versão difere da defendida no dia 05/10/2018 nos pontos levantados pelos examinadores durante a realização da banca. Questões sobre preferência de transcrição, equívocos historiográficos, erros factuais e ausência de informação foram corrigidas neste modelo que envio à Biblioteca Central de Brasília. Adiciono o meu e-mail àqueles que se interessarem por este tema ainda pouco investigado no Brasil e que desejarem acesso a algo da bibliografia deste trabalho: ana.bleite1@gmail.com]

Uma das causas que me motivou para a elaboração desta monografia foi a lembrança de mim em dezembro de 2014. Meu orientador, o professor Vicente Dobroruka, havia me entregado recentemente uma lista de livros para iniciar meus estudos sobre um tesouro em persa médio. Naquele ano, eu estava no meu segundo semestre e conhecia quase absolutamente nada concernente ao campo de Iranologia. Segui, portanto, as recomendações do meu orientador sobre com quais livros eu deveria começar as leituras e iniciei a minha familiarização com o dito tesouro por meio de duas obras: o *Le Zend Avesta* de Anquetil Duperron e a edição de Nyberg do *Frahang ī Pahlavīk* (literalmente *Dicionário do Pálavi* em persa moderno). Acredito que qualquer pessoa familiarizada com o FiP (*Frahang ī Pahlavīk*) chegue ao consenso de que esse é um começo árduo para um iniciante absoluto no assunto. Os três volumes maciços em tipografia francesa do séc. XVIII e a visualização sem qualquer cerimônia de palavras em pálavi me lançaram momentaneamente num estado de desorientação.

Tendo esbarrado em dificuldades no início, eu pretendi compor um singelo manual do FiP que eu poderia ter usado, caso existisse à época, para me guiar na pesquisa no momento em que eu mais necessitava dele. Devido ao número limitado de páginas pelas quais devo me ater e a minha ainda limitada compreensão em alguns temas discutidos, há tópicos tangentes ao FiP que

precisaram ser simplificados, ou mesmo evitados, por exigirem uma análise muito mais profunda para serem satisfatoriamente analisados.

Os dois primeiros capítulos, na função de introduzirem os dois elementos essenciais para a compreensão do que é o FiP, são os mais informativos, podendo ser para leitores inexperientes no tema difícil de acompanhar, por isso sugiro a leitura inicial do Glossário. A relação entre persa médio, a língua, e pálvavi, o sistema de escrita, é desvendada ao longo da primeira metade desta monografia¹, enquanto que a segunda metade examina exclusivamente o FiP. Eu me esforcei em delimitar as características do FiP de maiores importâncias bem como os tópicos que o rodeiam de modo a manter este trabalho conciso e útil.

Ao longo da investigação histórica e lexicográfica, compreendi o potencial de densidade que este assunto porta. A gênese e o desenvolvimento do FiP são inerentes às condições do sacerdócio zoroastriano ao longo dos séculos e à quantidade de conhecimento sobre a escrita pálvavi que os sacerdotes conseguiram preservar. Visto que muitos manuscritos do FiP exibem três camadas redacionais (i.e. pálvavi, *pāzand* e *pārsi*), um conhecedor desses três sistemas de escrita é capaz de observar três estágios imperfeitos das tradições escriturárias dos clérigos zoroastrianos. A qualificação “imperfeito” deve-se à natureza tardia dos manuscritos: o mais antigo dentro do meu conhecimento é do séc. XVIII, o que implica, se crermos que o FiP vem de um período mais antigo, que os manuscritos disponíveis são produtos de uma longa cadeia de cópias, cujos resultados incluem erros ortográficos e outras modificações individuais, as quais coexistem com o texto mais antigo. Note que evito referir-me a um original do FiP, pois, além de não poder provar a existência de um, tendo a me posicionar a favor da hipótese de que o FiP sempre possuiu múltiplas versões, o que implica que o tesouro nunca pretendeu ser um trabalho singular e completo, ou seja, ele sempre passou por adições, alterações feitas pelos seus leitores. Por tal motivo, prefiro reportar-me a conteúdos e versões antigas do FiP em oposição às mais recentes.

¹ Aviso ao leitor que essa distinção defendida aqui não representa o posicionamento atual da academia. Decidi por fazê-la por crer que ela facilite a compreensão do que são os heterogramas, elementos da escrita pálvavi explicados no segundo capítulo. Uma vez compreendido eles, a sobreposição entre persa médio e pálvavi deixa de ser potencialmente enganosa e, de tal forma, a classificação adotada pela academia de o pálvavi ser o persa médio zoroastriano poder ser seguramente empregada.

Além do extenso período que os manuscritos podem cobrir, é preciso ser cauteloso ao relacionar o tesouro e suas camadas redacionais com a tradição zoroastriana de uma dada época considerando que não há somente um, mas sim muitos costumes e práticas menores em relação à produção e ao uso do FiP de acordo com Dastur Hoshangji², um alto sacerdote do séc. XIX. Tudo isso sinaliza que o consumo do FiP e, portanto, o entendimento sobre ele, é maleável de acordo com o tempo e a comunidade zoroastriana sob observação.

Somando-se aos problemas da fonte, eu tive minhas próprias limitações que me impediram de escrever análises mais profundas e verificáveis em alguns pontos. Em primeiro lugar, a indisponibilidade dos manuscritos obrigou-me a trabalhar apenas com as edições ocidentais, em particular a de Nyberg, que, embora seja muito correta quando comparada com as anteriores, continua sendo uma versão propositalmente manipulada dos manuscritos usados por ele. Isso significa que este trabalho é, em termos estritos, uma análise superficial de algumas edições do FiP, por meio da qual almejo esclarecer ao leitor os pontos básicos da fonte em si. Em segundo lugar, minha falta de conhecimento em árabe levou-me a confiar nas traduções para o inglês das fontes árabes que utilizadas aqui. E finalmente, embora eu tenha já me iniciado em persa médio no alfabeto palaviano, ainda dependo enormemente dos julgamentos de acadêmicos experientes para transcrever e traduzir os lemmata do FiP, sobretudo as palavras semíticas.

Portanto, é modestamente que eu ofereço ao campo da Iranologia ainda incipiente no Brasil este trabalho, o qual expressa a significância que o FiP detém em relação aos estudos zoroastrianos e seu valor substancial no que diz respeito ao setor lexicográfico iraniano.

² Haug e Hoshangji (1870), p.X.

CAPÍTULO I - PERSA MÉDIO: A LÍNGUA

O Império Sassânida foi a segunda e última dinastia originariamente persa, no sentido de que ela surgiu na província de *Pārs*³ (*Fars* nos mapas 2 e 3), a governar o planalto iraniano e suas regiões vizinhas antes da conquista árabe em 651 d.C.. Os sassânidas construíram um estado mazdeísta⁴, ou zoroastriano, que determinou o credo oficial do planalto iraniano, o qual, por sua vez, foi derivado de um sistema de crenças originárias das pregações de Zaratustra, supostamente uma figura histórica da Ásia Central do segundo milênio a.C.. O império existiu de Artaxes I (*Ardašīr ī Pāpagān*, 224-242) a Isdigerdes III (*Yazdgerd III*, 632-651) e deixou uma quantidade razoável de relevos rochosos, epígrafes, selos, moedas e livros, cujas compilações e cópias tardias são as únicas remanescentes. Essas fontes históricas foram inscritas, cunhadas e principalmente redigidas em um sistema conhecido pelos estudiosos de hoje como pálavi (*Pahlavi*), uma classificação ampla que comumente engloba o idioma e a escritura oficial do império e a qual também rotula a escritura e língua tradicional dos zoroastrianos em todos os quatrocentos anos de domínio sassânida e poucos séculos após ele. A palavra “pálavi”, no entanto, nem sempre se referiu à língua ou ao sistema de escrita usado oficialmente pelos sassânidas e pelo sacerdócio zoroastriano: uma de suas primeiras menções registradas diz respeito a uma língua médio iraniana falada no noroeste do Irã.

Essa menção é encontrada no catálogo enciclopédico de Ibn al-Nadim escrito no séc. X: o *Kitab al-Fihrist*. O autor, um escriba e companheiro de corte de Bagdá, coletou informações sobre numerosos escritores muçulmanos e outras figuras importantes do mundo medieval islâmico. Um desses escritores é 'Abd Allah ibn al-Muqaffa, muçulmano convertido de berço

³ A província de Pārs localiza-se no sudoeste do Irã e é uma das regiões mais históricas do país. De Pārs o Império Aquemênida emergiu e expandiu suas fronteiras; a antiga cidade de Persépolis, os túmulos dos reis aquemênidas e muitos de seus relevos rochosos encontram-se lá. O nome "pérsia" é uma derivação latina de "*persis*", um termo grego que se refere a qualquer coisa relacionada à região de Pārs. Dado isso, a palavra "persa" é usado aqui como um sinônimo para itens provenientes ou tradicionais dessa região.

⁴ O nome mazdeísta vem do persa médio *māzdēs*n, um termo derivado do nome da divindade suprema da religião: Ohrmazd ou Ahura Mazdā em persa antigo e avéstico.

zoroastriano e que viveu entre 721 e 757/759 d.C.. Ibn al-Nadim o cita quando elencando as línguas da região do antigo Império Sassânida:

Abd Allah ibn al-Muqaffa disse: 'As línguas dos persas⁵ são o pahlâwī, o dērī, o parsī, o khuzistânī e o siríaco. Pahlâwī (al-Fahlawīyah) está relacionado com Pahlav (Fahlah), uma região iraniana que inclui cinco cidades: Isbahân, Rayy, Hamadhân, Mah Nahâwand e Âdharbayjân. O dērī (al-Durīyah) era a língua das cidades de al-Madâ'in, falada dentro da corte do rei. Ela foi derivada da presença na corte (al-bab), proveniente principalmente da língua do povo de Khurâsan e do Leste iraniano no geral, era a fala do povo de Balkh. Sacerdotes, estudiosos e seus semelhantes falam Parsī (al-Farsīyah), a língua do povo de Fars. Os reis e nobres costumavam falar o Khuzistânī (al-Khūzīyah) entre si quando em privacidade ou igualmente em lugares de diversão e entretenimento e com seus séquitos. O povo de Sawâd costumava falar siríaco (al-Suriyânīyah) e escrevia em uma tipo de siríaco persa.⁶ (DODGE, 1970, p. 24.)

É credenciado a Ibn al-Muqaffa a identificação de cinco línguas existentes nas terras iranianas um século após a queda do Império Sassânida: pâlavi (*pahlâwī*), dari (*dērī*), parsi, *khuzistânī* e siríaco. Focarei apenas nas três primeiras línguas por elas serem as enquadradas no propósito deste capítulo.

Na declaração de Ibn al-Muqaffa, parsi (literalmente “de/relacionado a Pars”) denominava a língua persa médio em seu estado conservador. Inferindo a partir das linhas do autor, parsi era um idioma elitista enunciado pelos intelectuais de Pars, a saber, estudiosos e clérigos zoroastristas, os quais eram os orgulhosos herdeiros de um conhecimento seletivo e antigo resultante de centenárias tradições orais, que foram, posteriormente, registradas em livros.

Pahlav era a palavra em persa médio para Pártia, uma antiga designação que originalmente nomeava o nordeste do Irã. Em meados do século II a.C., Arsaces, um iraniano da região acima mencionada, levou sua tribo, os Parnis, a uma rebelião contra as figuras helênicas

⁵ Sem o texto original não posso averiguar se a tradução para ‘Persians’ é correta (embora não saiba árabe, a identificação de palavras isoladas é relativamente fácil com o conhecimento do alfabeto). Na suposição de sê-la, deve-se explicar que “persas” aqui significa os herdeiros histórico-culturais da dinastia sassânida e não um termo para relacionar algo com a região de Pars.

⁶ Todas as traduções foram feitas por mim.

que governavam o planalto iraniano desde a morte de Alexandre, o Grande, em 330 a.C.. O sucesso da insurgência emancipou o Irã oriental da submissão selêucida e estabeleceu a dinastia dos Arsácidas em 247 a.C., a qual durou até 224 d.C., quando o fundador sassânida se abateu sobre ela. *Pahlavi*, portanto, era o nome persa médio dado ao vernáculo dos arsácidas, isto é, o parta, uma língua médio-iraniana do mesmo escopo linguístico que o persa médio⁷. Dari era o estado intermediário entre o persa médio e o persa moderno, cujo estado contemporâneo é falado no que é hoje conhecido como Grande Coração (*Khorāsān*), região parcialmente situada no nordeste do Irã⁸.

Cursado alguns séculos, *parsi* tornou-se a palavra para o persa moderno em seu estado inicial escrito com o alfabeto árabe; *pahlavi* adotou o rótulo associado aos sacerdotes zoroastrianos, e dari é agora o nome de um dialeto do persa moderno falado majoritariamente no Afeganistão. Como essa rotação semiótica ocorreu pode ser parcialmente respondida pela hipótese de Gilbert Lazard, que atribui a nova definição de *pahlavi* à supressão de seu significado original, ou seja, a língua parta, durante um período de mudanças sociais e linguísticas nas terras iranianas⁹.

Lazard explica que *pahlavi* definia, além de parta/o, qualquer coisa relacionada ao Irã antigo em conotação gloriosa. Há a possibilidade de que esse outro significado tenha sido formado por meio de uma extensão do sentido original causada pelo legado dos Arsácidas e do que eles representavam para os iranianos no tempo dos sassânidas. Em 1870, Martin Haug, ao tratar deste assunto, argumentou que as campanhas de sucesso organizadas pelos arsácidas contra

⁷ Como relatado por Parvaneh Pourshariati no início de seu capítulo “The Parthians and the Production of Canonical Shanamas: Of Pahlavi, Pahlavani and the Pahlav”, esta questão sobre o “mapa linguístico do Irã na Antiguidade Tardia” é, ou ao menos costumava ser, bastante controverso, especialmente, como a autora revela através das páginas, tratando-se dos significados de *Pahlav* e suas derivações (*Pahlavi* e *Pahlavani*). Está além do meu alcance sobre esse assunto engajar-me no debate, contudo sou capaz de informar aos leitores o seguinte: ainda de acordo com o capítulo de Pourshariati, não é consenso entre os iranólogos se Ibn al-Muqaffa quis dizer que a língua parta ainda era viva em seu tempo embora a própria autora argumente que essa foi de fato a intenção do escritor iraniano.

⁸ Acredita-se que dari era o estágio primário do novo persa devido ao fato de que “quase todas as publicações que foram produzidas do séc. IX ao XII em novo persa são desta região (nordeste iraniano), incluindo Rudaki e o Šāhnāme de Ferdowsi, que é um dos ícones da literatura em novo persa” Moein (2012), p. 15. Lazard (2003) escreve que dari era o persa médio falado em terras partas, o que implica divergências dialéticas entre as duas formas do persa médio (o de Pars e o da Pártia) e o que também corrobora com o trecho citado de Moein.

⁹ Gilbert Lazard (2003), p. 97.

o maior império da Antiguidade Tardia, a saber, o romano, concederam ao adjetivo parta/o uma vida duradoura e reverenciável dentro das fronteiras iranianas¹⁰.

Ademais, apesar de derrotados por conspirações internas, os arsácidas permaneceram dentro da esfera administrativo no norte do Irã¹¹. No aspecto cultural, alguns de seus costumes foram copiados pelos sassânidas, por exemplo, a alta consideração da qual os menestréis (*gōsān*) gozavam em cortes arsácidas perdurou no domínio sassânida¹². Se os partos mantiveram um importante papel político e cultural mesmo depois de sua queda imperial, é plausível que seu nome fosse cada vez mais assimilado a um antigo regime em vez de desaparecer da memória coletiva¹³. Após a queda de um reino iraniano e o estabelecimento de uma potência estrangeira, o sentimento nostálgico e romantizado em relação ao passado pode ter adicionado este tom de louvor à palavra *pahlavi* e à sua forma variante *pahlavāni*.

Continuando com Lazard, no período em que a conquista muçulmana estava sendo estabelecida, o termo *pahlavāni* foi gradualmente empregado apenas como um adjetivo para qualquer coisa antiga e gloriosa que envolvesse a história iraniana¹⁴. Como prova disso, ele cita Ferdowsi¹⁵, pois, no seu entendimento, o poeta iraniano frequentemente utilizou *pahlavāni* para descrever cultura e tradição iraniana pré-islâmicas. Quando o sistema de escrita sassânida para pergaminhos foi substituído pelo alfabeto árabe, a escritura antiga começou a ser referida como

¹⁰ Martin Haug (1870), p. 35.

¹¹ Pourshariati, 2008 e 2010.

¹² Boyce, 1957.

¹³ Uma fonte recorrente ao se estudar história iraniana pré-islâmica é a *magnum opus de* Ferdowsi, o *Šāhnāme* (Livro dos Reis). Embora o épico tenha sido redigido quatro séculos após a conquista árabe, acredita-se que Ferdowsi teve como fontes para a sua obra as tradições orais do planalto iraniano e também, como o próprio poeta relata em sua introdução, a historiografia oficial do Império Sassânida, representada pelo livro *Xwādāy Nāmag* (Livro dos Senhores), há muito perdido. Quanto à utilização desta última fonte, há debates na historiografia sobre a sua veracidade, para introduzir-se nesse tópico, confira o artigo "The Problem of Ferdowsi's Sources" de Dick Davis. As frágeis linhas reservadas ao Império Arsácida no *Šāhnāme* levaram muitos acadêmicos a concluir duas declarações: 1) os sassânidas possuíam uma propaganda oficial que pretendia, dentre outros objetivos, eliminar a dinastia inimiga da memória dos iranianos; 2) o plano dos sassânidas foi bem sucedido. Pourshariati questiona a segunda afirmação e defende que, mesmo se os sassânidas tivessem conseguido limpar a história dos arsácidas da mente do povo, eles não foram capazes de enfraquecer as famílias nobres partas descendentes da dinastia arsácida.

¹⁴ Lazard assume que a restrição de emprego da palavra pode ter sido devido à morte do idioma parta. Para estar de acordo com a citação do séc. VIII de Ibn al-Muqaffā, o parta deve ter se tornado uma língua morta entre os séculos IX e X, num período próximo, porém ainda assim anterior, ao *Šāhnāme* de Ferdowsi.

¹⁵ Ferdowsi foi um poeta iraniano do século X-XI que escreveu o épico *Šāhnāme*, considerado por muitos como a mais importante obra literária do Irã e uma das primeiras composições em novo persa. Hamid Moein observa em sua tese que o fato de Ferdowsi nomear sua língua como pārsi pode estar mais relacionado ao proeminente sentimento nacionalista de sua obra-prima do que a uma classificação linguística. Moein, p.16.

pahlavi, e, por associação, a língua representada nela foi chamada de *zabān-e pahlavi*, a língua antiga¹⁶.

Por mais impreciso que possa ser determinar quando pálavi tornou-se sinônimo para a escrita cursiva sassânida/zoroastriana e o persa médio, é sabido graças a Ibn Ḥawqal, um geógrafo e viajante do séc. X, que a palavra pálavi já estava, em sua época, sendo usada para designar uma língua de livros da região de Pars:

E eles [os habitantes de Pars] têm três idiomas: o parsi, que eles usam falando um ao outro; embora possa haver algumas variações de dialetos em diferentes distritos, ainda assim é, de fato, o mesmo, e todos eles entendem a língua um do outro, e nenhuma de suas expressões ou palavras são ininteligíveis; A língua pálavi, que antigamente era usada em escritos; essa língua exige agora um comentário ou tratado explicativo; e a língua árabe, que atualmente é usada nos Divans, ou Tribunais Reais de Justiça, Revenue, & c. (OUSELEY, 1800, p.114.)

Entre os séculos VIII e X, pálavi adotou a definição de uma língua específica de Pars, uma memorável por ter sido usada em escritos e que se encontrava em tal estado de debilitação que precisava de obras externas para sua sobrevivência. É indiscutível que esse pálavi não estava mais vivo, na melhor das hipóteses era falado apenas por uma comunidade limitada cujos membros estavam interessados em manter sua fluência nele.

Como elucidarei no final do segundo capítulo, Ibn Ḥawqal está se referindo ao que é conhecido pelos estudiosos atuais como o pálavi dos livros (*Book Pahlavi*), uma escrita cursiva sassânida, naturalmente para o persa médio, preservada quase absolutamente em textos zoroastrianos. Se a teoria de Lazard for correta, a escrita cursiva sassânida deve ter, em dois séculos, se tornado tão inutilizada e arcaica com o avanço do alfabeto árabe que recebeu a denominação pálavi, e do mesmo modo recebeu-a, por associação, a língua escrita nele.

A partir de então, o significante pálavi foi indistintamente usado para grafemas e fonemas. O sentido duplo da palavra é padrão nos estudos de iranologia, cujos pesquisadores consentiram

¹⁶ Se esse era o caso, não posso ao momento defendê-lo, porém devo informar que essa teoria não é consenso entre os iranólogos. Parvaneh Pourshariati, por exemplo, discorda de Lazard. Ela sustenta asertivamente que por pálavi Ibn al-Muqaffá queria dizer parto e do mesmo modo, em suas palavras, o fez Ferdowsi ao escrever diversas vezes a palavra pahlavāni em seus versos. Pourshariati, 2010.

em empregá-la na designação do persa médio e do alfabeto nos quais grande parte dos textos religiosos zoroastrianos foi redigida. Sistemas de escrita e línguas, no entanto, não são a mesma coisa embora a primeira exista para simular graficamente a segunda. Para fins didáticos, prefiro restringir neste trabalho o termo pávavi ao sistema de escrita a fim de que não haja confusão entre as duas categorias, pois a escritura peculiar do pávavi pode levar iniciantes neste assunto a crer que ela represente integralmente o idioma que retrata, o que é falso.

Antes de retornar ao *Kitab al-Fihrist* e citar Ibn al-Muqaffa sobre as escritas da Pérsia, devo concluir esta primeira seção com uma breve exposição dos atributos linguísticos do persa médio e de seus registros históricos, sem a intenção de esgotá-los, para que o leitor consiga visualizar melhor o objeto deste capítulo.

O persa médio é uma língua médio-iraniana originária do sudeste iraniano e a qual compõe, junto com o persa antigo, a linha evolucionária do persa moderno, sendo o seu espectro de existência entre as datas de 330 a.C. e 950 d.C.¹⁷. Seu inventário fonêmico é composto por 20 consoantes e 8 vogais¹⁸ e seu aspecto morfo-sintático é muito menos complexo do que o persa antigo, o que o põe mais próximo de seu equivalente moderno. Embora haja traços históricos que retrocedem o persa médio aos *fratarakas*¹⁹, foi com os sassânidas que a língua floresceu em expressões políticas, religiosas e literárias. O persa médio em seus séculos iniciais foi registrado em inscrições do séc. III como a de Sapor I na *Ka 'ba-ye Zardošt*, uma das fontes políticas mais ricas em persa médio; e nos textos epigráficos de autoria do sumo-sacerdote zoroastriano Kartir²⁰ em *Naqš-e Rājab*, *Sar-e Mašhad* e *Ka 'ba-ye Zardošt*.

Já o persa médio tardio é conhecido por nós por meio de textos escritos em *pāzand*²¹, o qual alude a um sistema de transcrição definido por estudiosos modernos como caracteres

¹⁷ Mary Boyce (1968), p.31.

¹⁸ Mark Hale, 2008.

¹⁹ Governantes locais que cunhavam moedas enquanto regiam a província Pārs sob o domínio selêucida e arsácida, Skjærvø (2009), p. 197. Cf. também o artigo de Wiesehöfer sobre os *Fratarakas* disponível on-line na Encyclopaedia Iranica: <http://www.iranicaonline.org/articles/frataraka> (acessado em 20/09/2018).

²⁰ O distinto alto sacerdote zoroastriano do final do séc. III, que foi o principal responsável pela edificação do pilar religioso ao lado do monárquico do Estado Sassânida.

²¹ Albert Jong mostra que o termo zoroastriano *pāzand* era originalmente usado para expressar uma "ferramenta exegética", assim está atestado numa passagem de um livro do séc. IX intitulado *Zand-ī Wahman Yasn*, Jong (2003), p.69. A etimologia de *pāzand* é discutível: Jong no mesmo artigo (p. 68) afirma que *pāzand* é uma evolução para o persa médio do composto avéstico *mat_āzainti-*, que significa "junto com o comentário". Há outros que preferem uma explicação mais simples, em suas opiniões *pāzand* poderia ser a justaposição das palavras médio-persas *pā* (pé) e *zand* (comentário ou explicação), Azarnouche (2014), p.84.

avésticos²² usados para transcrever textos de escrituras medievais zoroastrianas, melhor conhecidas como livros em pánavi. Visto que o alfabeto avéstico é mais adequado para grafar fonemas do que o do pánavi dos livros devido à sua abundância de grafemas, pode-se seguramente concluir que o sistema de transcrição *pāzand* foi criado pelos sacerdotes na expectativa de preservar a leitura dos textos religiosos originalmente escritos em pánavi.

Entre as inscrições sassânidas e o aparecimento do *pāzand*, séc. X ou XII, há um conjunto de livros do séc. IX compilado e copiado até os tempos contemporâneos graças aos esforços dos clérigos zoroastrianos para que suas tradições religiosas e história não desaparecessem. A alcunha “pánavi dos livros” refere-se à escrita desse material, a qual, segundo Boyce, "representa (em termos fonológicos) um estágio pré-sassânida da língua (i.e., persa médio), todavia sua sintaxe e vocabulário são, em geral, do persa médio tardio"²³, o que implica que seu conteúdo veio de uma longa e duradoura tradição oral²⁴. Esses livros formam a literatura médio-persa, que compreende a tradução do avesta, comentários exegeticos do avesta, apologéticas ao zoroastrismo, lendas iranianas, sassânidas e zoroastrianas, textos apocalípticos, etc.

Dos débeis traços cunhados nas moedas dos *fratarakas*, atravessando o quadricentenário império sassânida com inscrições reais e sacerdotais, aos livros do séc. IX em diante, o persa médio foi predominantemente registrado na história num sistema de escrita descendente do Aramaico Imperial, cujo uso no planalto iraniano remonta a tempos anteriores ao Império Aquemênida. O capítulo seguinte desdobra-se ao explicar a história da escrita pánavi e suas características.

²² Refere-se à língua e ao sistema de escrita do avesta (*abestāg* em médio-persa), o livro sagrado do zoroastrismo. A escrita avéstica foi derivada do pánavi dos livros com o propósito específico de registrar as doutrinas e os ensinamentos sagrados que durante séculos foram transmitidos oralmente na língua milenar do avéstico.

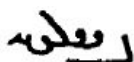
²³ Boyce (1968), p.66.

²⁴ A tradição oral foi o meio dominante de transmissão de relatos históricos, religiosos e contos regionais nos território iraniano até o império sassânida. Nesse período, a hegemonia da oralidade como agente na esfera cultural e religiosa começou a ser tangida pela escrita com a introdução da escrita em outros fins que não fossem relacionados a administração do estado. Boyce, 1968.

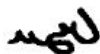
CAPÍTULO II - PALAVI: O SISTEMA DE ESCRITA

Depois de listar os idiomas, Ibn al-Muqaffa teria enumerado e explicado brevemente “sete tipos de caligrafia”²⁵ e uma forma de ortografia usada no território conquistado do antigo império sassânida:

Eles têm uma forma de ortografia chamada Rawārašn, com a qual escrevem letras conectadas e não conectadas. Existem cerca de mil palavras com as quais se pode determinar coisas semelhantes. Um exemplo disso é que qualquer um que deseja escrever gušt²⁶, que é “carne” em árabe, escreve basarā , mas lê gušt, de acordo com este exemplo:



Ou se ele deseja escrever nān, que é pão em árabe, ele é lido como nān, mas escrito lahumā, de acordo com este exemplo:



Assim é para o que eles desejam escrever, exceto para coisas que não precisam de substituição, sendo escritas como pronunciadas.

O trecho inicia relatando que a forma de grafia *rawārašn* admite ligaduras para apenas algumas letras, o que pode ser atestado pelo primeiro exemplo²⁷: observe que o primeiro caractere da direita para a esquerda não está vinculado aos seguintes, enquanto que o restante da palavra é todo unido como se fosse uma longa letra. Isso significa que não é toda letra que aceita ligadura.

²⁵ Dodge (1970), p.24.

²⁶ Na edição de Dodge está escrito *kušt* com um k. Decidi alterá-lo para a grafia correta (*gušt*) pois imaginei que a escolha dos tradutores de transcrevê-la com um *k* deve-se mais à grafia árabe do manuscrito a uma hipotética variação fonética da palavra médio-persa *gušt*.

²⁷ Enquanto o texto foi retirado da mesma edição do *Kitab al-Fihrist* usada acima, optei por fazer usar as palavras em *rawārašn* do livro de Mackenzie *A Concise Pahlavi Dictionary*, uma das principais referências nos estudos palavianos, para apresentá-las em melhor qualidade de imagem.

A próxima frase é um pouco mais difícil de interpretar, para entendê-la é preciso ler o parágrafo completo, portanto continuando: Se alguém quiser escrever *gušt*, que é persa médio e moderno para “carne”, eles soletrariam outra palavra completamente diferente, a saber, *basarā*, aramaico para “carne”, e a leriam como se tivessem de fato escrito *gušt*. O mesmo fenômeno ocorreria com a palavra *nān*, “pão” em persa médio e moderno: em seu lugar, as letras L H M Ā (*lahumā*, “pão” em aramaico) seriam escritas e as letras N Ā N seriam lidas. Ibn al-Muqaffā termina dizendo que isso aconteceria para qualquer palavra se os escribas estivessem dispostos a fazê-lo. Parece, portanto, que havia nesse modo de escrever “cerca de mil palavras com as quais se poderia determinar coisas semelhantes” (sinônimas) àquelas em persa médio.

Por que um grupo escolheria complicar seu processo de escrita e leitura de tal maneira pode parecer de início inexplicável para a maioria das pessoas. A ortografia *rawārašn*, no entanto, não foi uma decisão voluntária: na época de Ibn al-Muqaffā, ela já havia se consolidado como uma escrita tradicional há séculos. A fim de compreender o seu desenvolvimento e estabelecimento no mundo iraniano, é preciso retornar ao primeiro império persa, qual seja, a dinastia Aquemênida.

Com a incorporação da Assíria em 539 a.C. ao recém-surgido império aquemênida, os persas se aproveitaram da língua franca do então derrotado estado assírio e igualmente do seu sistema de escrita abjad²⁸, ambos denominados como aramaico imperial²⁹, para comunicação epistolar. Os persas não muito depois³⁰ criaram um sistema de escrita autóctone, o cuneiforme iraniano³¹, para a sua própria língua, o persa antigo, porém o status de oficialidade e multiuso do aramaico imperial prevaleceu em toda a história do império aquemênida. Enquanto que o cuneiforme iraniano era limitado a inscrições reais, como o Behistun, um monumento trilingue de

²⁸ Abjad é um tipo de sistema de escrita que representa apenas consoantes e vogais longas, sendo as vogais curtas assumidas pelo leitor no decorrer da leitura.

²⁹ O termo é uma designação moderna do aramaico registrado em fontes oficiais do império aquemênida. Por esse motivo, também é chamado de aramaico oficial.

³⁰ Citando David D. Testen (1996): “É provável que este sistema de escrita tenha sido inventado no início do reinado de Dario I (522-486 aC), embora alguns investigadores afirmem que ele remonta ao reinado de Ciro II. (539-530), o fundador do império.”, p. 134.

³¹ Inventado na Mesopotâmia ca. 3200 a.C, o cuneiforme é uma escrita cujos grafemas tem o formato de cunhas. A língua suméria e, posteriormente, o acádio, foram logográfica e silabicamente grafadas nesse sistema. O cuneiforme iraniano, por outro lado, era “essencialmente um sistema de escrita alfabético” (David D. Testen, p.134). Nesse sentido, o qualitativo de cuneiforme denota aqui a estética da escrita iraniana e não sua tipologia gramatológica (silabário, abjad, alfabeto, etc).

autoria de Dario I (522-486 aC), o secretariado aramaico era frequentemente empregado na produção de cartas oficiais, textos gerais³² e na tradução para os remetentes iranianos.

A chegada de Alexandre, o Grande, a terras asiáticas marcou a queda do império aquemênida e o início do domínio helênico sobre o planalto iraniano. Depois da morte do conquistador macedônio em 323 a.C., seus generais, finda uma série de dissensões internas, dividiram suas aquisições territoriais em quatro partes; a maior, que abrangia a Mesopotâmia e a Ásia Central, foi cedida a Seleuco, o fundador da dinastia selêucida (312-63 a.C.).

Sob essa administração, o grego se tornou a língua franca do novo império, o que diminuiu o uso aramaico, porém sem erradicá-lo: algumas províncias, tais como Pars e Pártia, mantiveram o aramaico para fins burocráticos, e moedas com legendas em aramaico continuaram sendo cunhadas pelas suas autoridades locais³³. Inicialmente, os escribas foram capazes de preservar seus conhecimentos relativos à escrita do aramaico imperial, tanto que os glifos³⁴ não passaram por grandes mudanças por quase um século³⁵ após a queda dos aquemênidas, contudo essa estaticidade não durou muito mais. A ausência de um estado forte promovendo os secretariado aramaico permitiu que diferentes regiões “desenvolvessem eventualmente sua própria variação do alfabeto aramaico”³⁶, como se observa nas inscrições partas e nas inscrições persas, as quais mais tarde se tornaram o modelo sassânida de epigrafia.

Concomitantemente à evolução dos glifos, os escribas, que nesse estágio eram provavelmente iranianos e não falantes nativos do aramaico, começaram a introduzir palavras iranianas entre as estrangeiras, assim a escrita aramaica passou a ser moldada para o parto e o persa médio. Sabendo que o aramaico imperial era uma língua burocrática usada somente para a escrita de documentos oficiais, é lógico supor que ela deve ter se tornado obsoleta e incapaz de

³² A razão por trás da escolha de empregar uma língua e uma escrita estrangeiras como o meio oficial de comunicação inter-regional dentro de um domínio persa no lugar de se usar as opções nativas disponíveis pode ter sido a conveniência de fazê-la, pois o aramaico já estava em uso nessa região devido ao extinto reino assírio. Além disso, os reis aquemênidas são conhecidos por suas políticas multiculturais, o que indica sua despreocupação em impor a cultura persa, incluindo a língua, sobre seus subordinados.

³³ Richard N. Frye (1983), p.164. Os *fratarakas*, líderes de Pars, tinham sua própria tradição de cunhagem em aramaico.

³⁴ Na gramatologia, um glifo refere-se às formas em que um grafema (a menor unidade de um sistema de escrita) pode se apresentar. Por exemplo, no sistema de escrita português, o fonema /a/ é representado pelo grafema [a]. A forma concreta na qual ele é exibido chama-se glifo: *a*, *A*, *α*, etc.

³⁵ Skjærø (1996), p. 516.

³⁶ *The Cambridge History of Iran*, p.XXX.

lexicalmente acompanhar as novas mentalidades, estruturas sócio-políticas, etc, que surgiam no planalto iraniano após o império aquemênida. O acréscimo de palavras iranianas deve ter sido um processo desenvolvido aos poucos conforme o surgimento de novas demandas e tradições textuais incapazes de serem supridas pelas fórmulas de escrita do aramaico imperial. Tal processo resultou na relexificação da língua. Nos primeiros séculos de inserção vocabular, essa língua textual teve suas palavras aramaicas coexistindo com poucos léxicos autóctones, estando, assim, sua morfo-sintaxe aramaica preservada. No séc. II a.C.³⁷, a gramática iraniana sobrepôs-se à aramaica, deixando apenas palavras e algumas frases como vestígios da origem do sistema de escrita.

Nesse cenário, os léxicos e sentenças estrangeiras sobreviventes foram cristalizadas no formato de logogramas, um termo da gramatologia que tipifica sinais gráficos não-fonéticos para palavras faladas³⁸. Isso significa que eles não eram mais percebidos pelos seus leitores como palavras aramaicas foneticamente escritas, mas como um sinal logográfico para uma palavra iraniana. Por exemplo, a palavra aramaica fossilizada para “grande”, LBA, era lida e entendida como se fosse um símbolo da palavra persa para “grande”, *wazurg*. Em suma, o que originalmente era um processo de tradução tornou-se uma leitura direta e simples³⁹.

Esse fenômeno gramatológico era relativamente comum na Antiguidade quando os sistemas de escrita fonéticos, isto é, silabários, abjads e alfabetos, eram uma ferramenta nova e não-dominada à qual poucas sociedades tinham acesso. Por esta razão, um sistema de escrita fonético de uma civilização era apropriado por outras comunidades e adaptado para suas próprias

³⁷ Cf. o artigo de Rosenthal sobre aramaico no mundo iranianiano disponível em:

<http://www.iranicaonline.org/articles/aramaic-> (acessado em 14/09/2018).

³⁸ Essa terminologia foi formulada por Ignace Gelb em *A Study of Writing*. Gelb estava insatisfeito com o termo ideograma, empregado para designar qualquer símbolo não-fonográfico que pudesse representar idéias, frases e até palavras específicas, por exemplo: na escrita chinesa, os sinais são frequentemente descritos como ideogramas, apesar de eles representarem não uma ideia geral, mas sim uma palavra definida, da mesma forma que o fazem os compostos gráficos em alfabetos, abjads ou silabários. Discordando disso, ele sugeriu o uso do termo “logograma” para esses casos e o banimento da denominação “ideograma” da academia devido à popularidade de sua definição imprecisa.

³⁹ É sabido que as palavras aramaicas vistas em tais textos posteriores ao séc. II a.C. eram elementos completamente gráficos, ou seja, elas não eram palavras emprestadas usadas verbalmente pelos iranianos. Isso pode ser atestado pela falta ou pela baixa incidência do vocabulário aramaico em outros sistemas de escrita usados para as línguas médio-iranianas, como a escrita maniqueísta, e pela ausência desse vocabulário aramaico no persa moderno, cujos elementos semíticos vêm do árabe. Fora isso, fontes de estrangeiras também comprovam a ausência do aramaico na fala dos iranianos: Martin Haug observou em 1870 (p.125) que os romanos se referiam ao xá Sapor III (383-388) como *Saansaan*, i.e., *Šāhanšāh*, “rei dos reis” em persa médio, e não como *Malkānmalkā*, “rei dos reis” em aramaico, que era o logograma cunhado nas moedas do xá.

línguas. Nesse processo de adaptação, não foi raro a cristalização de figuras gráficas originárias da língua para a qual o sistema de escrita foi inventado. Os acádios, cujo sistema de escrita cuneiforme veio dos sumérios, representavam sua palavra para rei, *šarrum*, usando a grafia suméria para *lugal* também significando rei⁴⁰. Provavelmente, esses compostos gráficos foram preservados no uso estrangeiro pela facilidade e conveniência de assim fazê-lo.

Ignace Gelb, o fundador da Gramatologia como ciência, genericamente denomina os produtos desse fenômeno como alogramas: uma classe separada de signos que “inclui signos ou grafias logográficas, silábicas ou alfabéticas de uma escrita quando usados como sinais de palavras ou mesmo sinais de frase numa escrita emprestada”⁴¹. Quando Ibn al-Muqaffa apresentou a ortografia *rawārašn*, ele estava descrevendo alogramas. A grande maioria das palavras em *rawārašn* vem do Aramaico Imperial e, por causa disso, o termo arameograma é comumente usado para designar *rawārašn* na academia ocidental. No entanto, existem poucos logogramas ou ortografias espúrias que não advêm do aramaico, em razão disso, uso aqui o nome heterograma, termo cunhado por Junker⁴², para designar grafias não iranianas em textos iranianos.

Rawārašn em persa moderno tornou-se *hozvāreš* (هُزَوَارِش), um termo ainda usado por estudiosos iranianos para designar heterogramas da escrita pálvavi. Há centenas de heterogramas espalhados em inscrições, moedas e livros em pálvavi, e eles substituem pronomes, substantivos, adjetivos, verbos e preposições iranianas. Os heterogramas são a principal característica do pálvavi independentemente do tipo que está sob análise: inscrição parta, inscrição persa, pálvavi dos salmos ou pálvavi dos livros. Para manter esta monografia curta e dentro do meu conhecimento, apresento aqui apenas os atributos do pálvavi dos livros, pois não só é ele o mais literariamente rico, como também é aquele em que está escrito o *Frahang-ī Pahlavīk*.

O pálvavi dos livros, como qualquer outro sistema de escrita descendente do aramaico imperial, é um abjad. Seguindo a tabela abaixo, tirada do capítulo de Mark Hales, *Pahlavi*, em “As antigas línguas da Ásia e das Américas”, o pálvavi dos livros possui 15 grafemas⁴³ para

⁴⁰ Gelb, p.105.

⁴¹ Ibid.

⁴² Junker (1912), p.16.

⁴³ Skjærvø em sua gramática Pahlavi (*Pahlavi Primer*) distingue 12 grafemas enquanto Mackenzie em seu dicionário (*A Concise Pahlavi Dictionary*) conta 14. A divergência é explicada pela existência de caracteres 1) usados apenas

retratar até 28 fonemas do persa médio⁴⁴. Isso significa, naturalmente, que deve haver grafemas que assumam mais de um fonema, confira os números 3 e 5 da tabela. Após a inserção do alfabeto árabe no mundo persa, os escribas acrescentaram à letra de número 3 diacríticos para distinguir os fonemas / g /, / d / e / y / um do outro.

Há alguns grafemas cujos glifos podem assemelhar-se a outros caracteres. Nesses casos, o glifo é chamado de corrupto e é transliterado com uma linha sob sua letra equivalente em latim. Estabeleceu-se a transliteração dos heterogramas em letras maiúsculas de modo a diferenciá-los das palavras iranianas.




Table 7.1 The Pahlavi script				
	Character	Segmental Pahlavi	Transliteration	
			Aramaic-based logogram	"Corrupt"
1	𐭠	'	A, H	—
2	𐭡	b	B	ḡ, ḍ, ȳ
3	𐭢	g, d, y	G, D, Y	ḡ, ḍ, ȳ, Ḃ, Z, K
4	𐭣	—	E	—
5	𐭤	w, n, r, ' /	W, N, O, R, ' /	—
6	𐭥	z	Z	Ḃ, ḍ, ȳ
7	𐭦	k	K	—
8	𐭧	(y)	K	—
9	𐭨	l	L	—
10	𐭩	(t)	L	—
11	𐭪	m	M, Q	—
12	𐭫	s	S	—
13	𐭬	p	P	—
14	𐭭	c	C	Ḃ, ḍ
15	𐭮	š	Š	—
16	𐭯	t	T	Ḃ, ḍ

Tabela 1. *O sistema de escrita pálvavi*, extraído do capítulo de Mark Hales Pahlavi em: “The Ancient Languages of Asia and the Americas”.

O abjad é escrito da direita para a esquerda de forma cursiva, porém nem todas as letras estão conectadas em ambas as direções. As de número 2, 4, 5, 7, 8, 13, 14 e 16 só aceitam a

para soletrar heterogramas, o que é o caso de *E*, o qual não é considerado por Skjærvø; 2) possivelmente formados pela combinação de outros grafemas, que parece ser o caso de *s* e *S* na perspectiva de Skjærvø .

⁴⁴ Note que a tabela liga os grafemas do pálvavi aos seus correspondentes do alfabeto latino e não necessariamente aos seus fonemas do persa médio.

ligadura pela direita, nunca pela esquerda. As ligaduras do pálavi dos livros muitas vezes confundem o leitor que não for bem instruído no sistema já que as ligaduras permitem que diferentes combinações de glifos sejam moldadas da mesma forma, por exemplo: essa figura  teoricamente pode ser o resultado de 1 + 1 + 1, 3 + 15 + 1, 3 + 15 + 1 + 1, e a lista continua. Embora as possibilidades de combinação de uma forma desconhecida diminuam quando se conhece a fonologia médio-persa, a hesitação durante a leitura do pálavi dos livros não se extingue por completo, por exemplo, as palavras gēg (ladrão) e āgoš (abraço) são distinguíveis uma da outra por apenas pelo glifo de [š]:  (gyk¹)⁴⁵,  ('kwš).

As quatro principais características do pálavi dos livros estão finalmente expostas. As ligaduras, a desigualdade entre grafemas e fonemas, as letras corrompidas e os heterogramas acima de tudo tornam o pálavi consideravelmente difícil de se ler, especialmente para aqueles cujo conhecimento em persa médio for deficiente. Essas características são a razão capital para se crer que Ibn Hauqal estava de fato se referindo à língua escrita no pálavi dos livros: em primeiro lugar, não havia nenhuma outra língua, de acordo com Ibn al-Muqaffa, na província de *Pars* antes do islã senão o parsī (aqui persa médio). Fosse o pálavi de Ibn Hauqal uma outra língua que chegara a *Pars* juntamente com os estrangeiros árabes, ela não teria um nome iraniano e provavelmente não seria já uma língua quase morta.

Em segundo lugar, o pálavi dos livros era a escrita usada para a redação de peças religiosas, crônicas históricas, relatos lendários ou correspondências no geral. Com a apropriação e a imposição do alfabeto árabe sobre os iranianos, o pálavi dos livros teve seu uso limitado a centros zoroastrianos, sendo um deles *Pars*, pois essa escrita carregava grande valor textual para os seguidores do zoroastrismo. Gradualmente, a leitura em pálavi dos livros tornou-se difícil para os seus guardiões justamente devido aos elementos ambíguos que o caracterizam.

Finalmente, Ibn Hawqal não deve estar se referindo meramente ao persa médio, se esse fosse o caso, haveria necessariamente a implicação de que tal língua era tão diferente de sua sucessora (i.e. Pārsī, estágio inicial do persa moderno) que os habitantes de sua terra natal eram incapazes de compreendê-la. Embora o persa médio encontrado nos livros do séc. IX em diante

⁴⁵ O último traço transliterado como ¹ não representa um fonema. Ele é outra peculiaridade do pálavi dos livros que se mostra nos textos ocasionalmente, ou seja, não é um elemento obrigatório. É adicionado às palavras terminadas com letras que não se conectam pela esquerda para indicar o seu fim.

fosse fonologicamente obsoleto, a imagem acústica de suas palavras ainda era bastante compreensível para os falantes do pārsi da mesma forma em que ela o é até hoje para os falantes e aprendizes do persa moderno. Por isso a minha conclusão de que as características do pālavi dos livros são a chave para a frase de Ibn Ḥawqal: *essa língua* (persa médio escrito em pālavi) agora requer um comentário ou um tratado explicativo.

O propulsor desta nova exigência foi a redução e o empobrecimento da comunidade zoroastriana, um processo histórico gerado pela invasão árabe e pela conseqüente subjugação imposta aos zoroastrianos. Considerando que o sacerdócio sassânida incorporava uma gama de sacerdotes administrativos e intelectuais, que eram respectivamente responsáveis por supervisionar a fé do povo e por estudar o avesta e outros textos religiosos, fontes do séc. IX, como Nāmāgīhā-ī Manušcihr (ca. 881 d.C.), descreve uma hierarquia sacerdotal em desmoronamento. Depois da invasão árabe, os zoroastrianos “não podiam mais apoiar um corpo de sacerdotes que dedicava muito do seu tempo a estudar e ensinar, as distinções entre eruditos e outros sacerdotes gradualmente se tornaram obscuras”⁴⁶.

Os sacerdotes eruditos, buscando uma fonte de riqueza, começaram a executar rituais, uma performance necessária de pagamento e pertencente aos encargos do outro grupo. Com os sacerdotes eruditos tendo que se ocupar de outras responsabilidades além dos estudos de textos religiosos, é natural que seus conhecimentos sobre o avéstico e o pālavi fossem progressivamente se tornando defeituosos.

Poderia este ser um possível cenário para a concepção do Frahang-ī Pahlavīk, quando uma comunidade tradicional e religiosa iraniana, lutando para preservar seu conhecimento contido nos textos em pālavi, produz uma enciclopédia majoritariamente logográfica para que eles pudessem manter a leitura do conteúdo e continuar transmitindo os ensinamentos neles? Ou teria o FiP sido criado numa época anterior, quando o pālavi ainda era totalmente compreendido por seus leitores? Com tudo isso dito, a introdução ao Frahang-ī Pahlavīk pode finalmente ser iniciada.

⁴⁶ Kreyenbroek (1987) p.160.

CAPÍTULO III - O *FRAHANG Ī PAHLAVĪK*

1. FiP: um trabalho lexicográfico

A arte de elaborar reservatórios gráficos como referências para palavras, frases e símbolos no geral é conhecida como Lexicografia, um campo científico com seus próprios métodos, conceitos e debates. Os produtos dessa ciência podem ser agrupados em dois tipos: dicionários e tesouros, que se distinguem entre si pela abordagem empregada na organização do léxico. Essas abordagens são a perspectiva semasiológica e a perspectiva onomasiológica: a primeira trata do léxico através do caminho “forma da palavra -> significado”, enquanto que a segunda percorre o caminho inverso: significado -> forma da palavra. Simplificando, dicionários juntam os lexemas de acordo com suas ortografias e thesauri os organizam com base em seus significados.

As primeiras obras lexicográficas foram apresentadas tematicamente uma vez que a organização de lexemas com base em suas ortografias requer um certo nível de familiaridade com a técnica da escrita, algo que ainda estava por ser adquirido pelas sociedades da Antiguidade. As leis pelas quais as palavras são classificadas e seus grupos estruturados são determinadas pela perspectiva de mundo do compilador. Os esquemas do tesouro, portanto, proporcionam uma abertura para se observar a visão de um povo a respeito de tópicos filosóficos, teológicos, morais e sociais⁴⁷.

Um dos mais antigos tesouros existentes é uma lista babilônica do segundo milênio a.C. conhecida como *Urra=hubullu*, a qual consiste em colunas duplas que exibem os lexemas em sumério e acadiano. *Urra=hubullu*, juntamente com outras listas lexicais da antiga Mesopotâmia, foi formada e manipulada por escribas com o propósito de praticar suas habilidades na escrita, o "foco explícito em elementos do sistema de escrita"⁴⁸ nestas listas revela tal afirmação.

Além da incitação propriamente pedagógica, motivações religiosas também levaram à criação e à expansão da tecnologia de referência:

⁴⁷ McArthur (1986).

⁴⁸ Watson (2015) p.488.

Hausmann (1989, p. 1) aponta que, desde o segundo milênio a.C., questões religiosas tiveram uma influência significativa no desenvolvimento da lexicografia. Na Índia, dicionários eram necessários para dar aos sacerdotes acesso ao sânscrito, língua na qual canções e textos sagrados estão registrados. Mais tarde, foram necessários dicionários na China para obter acesso às obras de Confúcio; no mundo árabe, dicionários eram requeridos para explicar as diversas palavras desconhecidas no Alcorão (Gouws, 1999). Na Europa, glossários e dicionários eram necessários, como veremos mais adiante, para ensinar aos padres aspirantes a língua da Bíblia e, portanto, da igreja. (STERKENBURG, 2003, p. 9.)

O *Frahang-ī Pahlavīk* poderia ser colocado em meio a esses exemplos de obras lexicográficas religiosas. No entanto, por mais que eu esteja inclinada a acreditar que o FiP seja uma obra originalmente sacerdotal produzida na esperança de manter viva a pedra fundamental da religião zoroastriana pós-Sassânida, isto é, os Zands (comentários ao avesta em páavi), há fatos históricos que trazem cogitações sugestivas do contrário. Em minhas ponderações que serão expostas ao longo deste capítulo, é mais certa a datação do FiP: no séc. X, o tesouro já devia estar existente nas mãos dos zoroastrianos.

2. Os lemmata do FiP

O nome *Frahang ī Pahlavīk* é o título moderno para um trabalho tradicionalmente conhecido por seus produtores e consumidores, ou seja, os sacerdotes zoroastrianos, como *Mōnā Khodā*⁴⁹, título que alude às transcrições interlineares em *pāzand* das duas primeiras palavras do tesouro. As transcrições em *pāzand* são inclusões posteriores presentes na maioria dos manuscritos do FiP. Elas vocalizam um persa médio tardio e, não raro, espúrio, ou seja, em alguns casos os escribas, ignorantes da leitura correta, criaram pronúncias nunca existentes. Também foi ensaiada a transcrição em *pāzand* dos heterogramas como se tivessem sido

⁴⁹ As palavras pertencem ao primeiro lemma: *MR 'H - ħwt 'y*; seu senhor (arameograma) - senhor (persa médio). MacKenzie, <http://www.iranicaonline.org/articles/frahang-i-pahlawig> (acessado em 20/09/2018).

efetivamente falados⁵⁰ quando os textos foram compostos. Além do *pāzand*, há manuscritos que exibem interlinhas com traduções em persa moderno e em gujarati⁵¹.

O tesouro reúne principalmente heterogramas e grafias obsoletas, complicadas ou simplesmente alternativas de palavras iranianas, que são exibidas em lemmata, cujas palavras introdutórias são seguidas por uma palavra explicativa ou por uma ortografia explicativa, por exemplo:

Neste lemma, a primeira palavra, 'NSHWT' (*anashuta*), é o heterograma para “humanidade” e é seguida pelo lexema *mltwm* (*mardom*), persa médio e moderno para “humanidade”. Neste outro exemplo,

o lemma começa com a ortografia regular e quase homomorfa da palavra *yazdān*, que significa “deuses”, e termina com uma forma mais legível, com mais diacríticos diferenciadores e não tradicional de escrevê-la: *yzd'n'* - *yzḏ'n'*⁵². Há também entradas para explicar grafias arcaicas, que podem representar em alguns casos uma forma mais antiga da palavra sendo exposta:

srd'l' - *s'rl'*; *sard ā r* - *s ā l ā r*; líder, mestre.

⁵⁰ Apesar de as transcrições em *pāzand* oferecerem uma vocalização dos heterogramas, o clero zoroastriasta continuou utilizando a tradição *rawārašn*, assim os elementos semitas permaneceram sendo lidos como se fossem palavras iranianas, Hoshangji (1870), p.X.

⁵¹ Uma língua do ramo indo-ariano falada em Gujarat, uma província do oeste da Índia, onde parte dos zoroastristas fugitivos se estabeleceram.

⁵² Desconheço alguma padronização na transcrição de letras em pálvavi com diacríticos. As letras *y* e *ḏ*, portanto, foram livremente escolhidas por mim para diferenciá-las de suas formas sem diacríticos.

Nas palavras de Nyberg, o composto -rd- da forma mais antiga *sardār* se desenvolveu para -l- por meio do alongamento da primeira vogal, resultando assim em *sālār*⁵³. Desse modo, o tesouro apresenta diferentes estágios do persa médio em algumas de suas entradas.

Assim, o FiP, em sua maior parte, consiste em heterogramas sendo explicado pelo seu equivalente iraniano e numa ortografia iraniana seguida por uma forma mais simples ou mais atual de soletrá-la. Os lemmata foram originalmente agrupados em capítulos temáticos, esse arranjo será melhor explorado em breve. Enquanto isso, uma discussão sobre o história do FiP na academia ocidental é profícua para se entender os seus problemas como uma fonte histórica.

3. As edições ocidentais

A história do FiP em terras ocidentais começou em 1761 com a chegada de Abraham Hyacinthe Anquetil-Duperron, um filólogo francês, de sua viagem à Índia, onde recebeu instruções de Dastur Darab Kumana, um sumo sacerdote de Surat, sobre como ler avéstico, páavi dos livros, e *pāzand*. Anquetil-Duperron trouxe para a Europa mais de cem manuscritos sobre temas zoroastrianos, parte dos quais foi traduzido em sua obra pioneira *Le Zend Avesta* (1771). Dois glossários foram nela publicados: o *Frahang-ī Oim*⁵⁴ e o *Frahang-ī Pahlavīk*.

O FiP encontra-se entre as páginas 476 e 526 sob o título de *Vocabulaire Pehlvi, Persan et François*⁵⁵. Três breves parágrafos apresentam o tesouro e neles é revelado que o manuscrito original foi possivelmente produzido por volta do séc. XIV de acordo com as estimativas de Darab. Os parágrafos também informam que o arranjo no qual o FiP é ali apresentado é uma versão preparada pelo sumo sacerdote. As palavras foram listadas por ele em ordem ortográfica seguindo o alfabeto persa moderno em oposição à distribuição "aleatória"⁵⁶ pertencente ao manuscrito original. Assim, o FiP de Anquetil Duperron é estruturado em torno de três colunas:

⁵³ Nyberg (1988), p.81.

⁵⁴ *Frahang - ī Oim* é um glossário bilíngue em avéstico e páavi. Foi publicado pela primeira vez para consumo ocidental por Anquetil-Duperron sob o título *Vocabulaire Zend, Pehlvi, e François*, sendo *Zend* um outro nome para a língua avéstica.

⁵⁵ Como o título sugere, o FiP foi apresentado por Anquetil Duperron como um glossário bilíngue (Pehlvi-Persan). Páavi era, nas palavras do erudito, uma língua, mas não o persa médio dos zoroastristas, como é seu sinônimo atual: era uma língua irmã do parsi, isto é, "o mais puro persa antes da islamização", mas ainda assim muito diferente dele, embora ambos fossem filhas do avéstico de acordo com suas ponderações (p.428).

⁵⁶ É bastante provável que o qualitativo "aleatório" se refira aos capítulos temáticos em que as palavras foram originalmente categorizadas e ordenadas.

palavras em “Pahlavi” transcritas -> seus significados no persa médio (Pārsi) -> seus significados em francês. Segue a versão de Anquetil do lema referente à suprema divindade dos zoroastristas (Ohrmazd):

Pehlvie | Persan | François
Anhouma | Ohrmuzd | Ohrmuzd

O *Vocabulaire Pehlvi, Persan et François* reflete a faceta pioneira das obras de Anquetil-Duperron: o estudioso estava abrindo um novo campo filológico em um período em que a lingüística histórica ainda estava para se estabelecer como uma ciência. Inevitavelmente, ele teve que se apoiar nos ensinamentos de Dastur Darab e nas leituras tradicionais da comunidade religiosa representados graficamente em *pāzand*. O arranjo não natural, as transcrições falsas, as traduções erradas e a incompletude do texto⁵⁷, portanto, tornam o FiP de Anquetil-Duperron indesejável para os estudantes da lexicografia médio-persa. Por outro lado, esta edição, juntamente com o resto do *Le Zend Avesta*, é valiosa para aqueles interessados nas tradições tardias do zoroastrismo. Além disso, as milhares de páginas podem conter algo de interessante para os que estão engajados nos estudos de iranologia.

Desde Anquetil-Duperron, houve até o momento nove edições do FiP: Dastur Hoshangji e Martin Haug, *An Old Pahlavi-Pāzand Glossary* (1870); Salemann, *Ueber eine Parsenhandschrift der Kaiserlichen öffentlichen Bibliothek zu St. Petersburg* (1878); Junker, *Frahang-i Pahlavik* (1912) and *Das Frahang i Pahlavik in zeichengemäßer Anordnung* (1955); Erich Ebeling, *Das aramäisch-mittelpersische Glossar Frahang-i-pahlavik im Lichte der assyriologischen Forschung* (1941); Fereydoon Joneydin, *Farhang-e Huzvārish-hā-ye dabireh pahlavi* (1965); Muhammad Javad Mashkur, *Farhang-e Huzvārish-hā-ye Pahlavī* (1968); Mario Nordio, *Lessico dei logogrammi Aramaici in Medio-Persiano* (1980); Nyberg, *Frahang-i Pahlaviik* (1988); and at last Sa'id 'Oryān, *Vāža-nāma-ye pahlavi-pāzand: Farhang-e Pahlavi* (1998)⁵⁸.

⁵⁷ Anquetil-Duperron admitiu negligenciar palavras que pareciam ter sido repetidas sem propósito e aquelas indecifráveis para ele e, presumivelmente, seu professor. p.476.

⁵⁸ Aos interessados em obter uma compreensão geral dessas edições, sugiro que busquem pela introdução de Bo Utas na edição de Nyberg. Nela, Bo Utas sucintamente explica todas as edições acima mencionadas com a exceção das de Fereydoon Joneydin e de Sa'id 'Orian.

Devido às minhas restrições linguísticas e ao estado inacessível de algumas dessas edições, só conheço três edições além da de Anquetil-Duperron: *An Old Pahlavi- Pāzand Glossary* (1870) de Hoshangji, *Frahang-i Pahlavīk* (1912) de Junker e *Frahang-i Pahlavīk* de Nyberg (1988).

Em 1870, Dastur Hoshangji publicou sua edição do FiP intitulada *An Old Pahlavi-Pazand Glossary*⁵⁹ com a ajuda do filólogo alemão Martin Haug, que contribuiu para o trabalho com um extenso, interessante e útil ensaio sobre a “língua pálavi”. O FiP é apresentado na sua forma original com a exposição das palavras em pálavi, sob as quais há a leitura tradicional em caracteres latinos presumivelmente tiradas das transcrições em *pāzand*. O trabalho é, assim, outra edição sacerdotal feita para os ocidentais. Além de ser bem estruturada, essa edição também tem o seu valor para as investigações concernentes à fase tardia da tradição zoroastriana em relação ao entendimento do pálavi e do *pāzand*.

O *Frahang-i Pahlavīk* (1912) de Heinrich Junker é uma edição crítica que oferece descrições detalhadas do manuscritos usados pelo estudioso alemão, bem como apresenta uma discussão sobre a evolução deles ao analisar suas diferenças e semelhanças quanto à organização das palavras e dos capítulos. Através desta análise, Junker tentou “reproduzir o texto na forma mais antiga atingível”⁶⁰. O texto do *Frahang-ī Pahlavik* é apresentado sem transcrições, que são depois dispostas na seção do glossário. Os heterogramas, no entanto, não foram traduzidos nem transcritos nesta edição, tendo sido explorados décadas depois em seu livro *Das Frahang i Pahlavik in zeichengemäßer Anordnung* (1955).

A penúltima edição pertence a Henrik Samuel Nyberg, cuja pesquisa foi abruptamente interrompida devido ao seu falecimento. O trabalho foi preparado para publicação graças aos seus alunos Bo Utas e Christopher Toll, que organizaram e datilografaram seus textos manuscritos. Por esta razão, algumas partes do FiP de Nyberg podem ser um pouco confusas, uma vez que a

⁵⁹ Na introdução escrita por Hoshangji, é explicado que *pāzand* era o persa antigo ou o persa puro, um significado semelhante à definição de parsi de Anquetil-Duperron. Dado que as ortografias explicativas tinham o objetivo de esclarecer o que as palavras em grafias obscuras e arcaicas eram por meio da oferta de uma forma mais identificável ou uma forma mais atual de escrevê-las, as transcrições em *pāzand*, que representavam um persa médio tardio, assemelhavam-se mais aos compostos fonéticos das ortografias explicativas do que aos das grafias arcaicas e obscuras. Como efeito, o *pāzand* foi linguisticamente associado ao segundo componente que constitui os lemmata do FiP, a saber, os explicativos, enquanto que os primeiros, os que necessitam de explicação, foram identificadas como palavras do pálavi.

⁶⁰ Junker, p.18.

sua edição é essencialmente um trabalho em progresso. No entanto, essa edição é a mais completa das que eu conheço no que diz respeito à variedade de palavras iranianas e à presença de heterogramas. Os manuscritos são descritos por Bo Utas na introdução, porém não há um estudo crítico sobre suas ascendências como era a intenção de Nyberg. Da mesma forma que Junker, o texto do FiP é apresentado puramente, sendo as transliterações, transcrições e traduções exibidas separadamente na segunda metade do livro.

Nenhuma dessas edições está isenta de erros e, portanto, devem ser usadas com cautela.

4. Os manuscritos

Primeiramente, é improvável que uma vez houve *um* *Frahang ī Pahlavik*, cujos conteúdo e forma homogêneos teriam sido adulterados pelas mãos dos escribas e se desenvolvidos numa gama de tradições textuais que são agora parcialmente representadas pelos manuscritos sobreviventes ao tempo. Como uma obra pedagógica, espera-se que o seus compositores e usuários, por serem da mesma classe, produzissem e modificassem o seu texto da forma como achassem melhor adequada. Portanto, embora não seja, nessa reflexão, razoável falar de um FiP original, é possível fazer referências a conteúdos e formas mais antigos que se contrastam dos mais recentes não somente pela distância temporal facilmente identificada nas divergências ortográficas (checar tabela 3), por exemplo, mas também pela diferença de percepção do que é o FiP: tesouro ortográfico ou glossário bilingue? Dito isto, existem elementos em alguns manuscritos que pertencem a adições de um período em que a escrita pálvavi já era muito mal compreendida, o persa médio, há muito não falado e, conseqüentemente, o FiP, mal interpretado.

A fim de fornecer ao leitor uma referência de alguns dos manuscritos do FiP e um vislumbre de como uma investigação sobre os conteúdos e formas mais antigos do tesouro é imbuída de complexidades relativas às suas tradições textuais, que compreendem adições e modificações tardias, seguem abaixo descrições dos manuscritos usados nas quatro edições exploradas brevemente no subcapítulo anterior. A tabela dispõe os vinte manuscritos em linhas divididas por nove colunas, cada uma representando um atributo específico: tipo, data, autor,

origem, interlinhas em *pāzand*, interlinhas em pārsi, alfabeto pālavi, alfabeto avéstico e explicação para as combinações de letras.

Editores e seus manuscritos:

Anquetil-Duperron (1 MS): P.

Hoshangji (6 MSS): DE, DJ, ND [4].

Junker (11 MSS): DE, JF1, JF2, M., O1, S1, U2, U4a, U4b, U6, U7.

Nyberg (6 MSS): K., O1, O2, P., S1, S2.

Legenda

- informação não fornecida pelos editores⁶¹.

- DE** Nomenclatura de Dastur Hoshangji. O MS também foi usado por Junker, que lhe deu as iniciais U5.
- DJ** Nomenclatura de Dastur Hoshangji.
- JF1** Nomenclatura de Junker para um MS pertencente a Kaikhosru Jamaspji.
- JF2** Nomenclatura de Junker para um outro MS pertencente a Kaikhosru Jamaspji.
- K** Nomenclatura de Nyberg o MS de Copenhagen, Codex K25, supostamente encontrado em N.L. Westergaard, Codices Indici Bibliothecae Regiae Havniensis, Copenhagen 1846, pp. 114-115 (No. XXV).
- M** Nomenclatura de Junker para um MS pertencente à biblioteca Moolla Feroze.
- ND** Nomenclatura de Dastur Hoshangji para quatro MSS semelhantes encontrados na biblioteca de seu irmão, Khan Behadur Destur Nushirwanji Jamaspji, alto sacerdote dos Parsis em Deccan.
- O1** (Em Junker: O) Nomenclatura de Nyberg para um MS da coleção de Ouseley 132:II de Bodleian Library em Oxford; cf. E. Sachau & Ethe, Catalogue of Persian, Turkish, Hindustani and Pushtu manuscripts in the Boldeian Library, I, Oxford 1899, col. 116 (No. 1956).
- O2** Nomenclatura de Nyberg para um outro MS da coleção de Ouseley 390:II de Bodleian Library em Oxford; cf. E. Sachau & Ethe, Catalogue of Persian, Turkish, Hindustani and Pushtu manuscripts in the Boldeian Library, I, Oxford 1899, col. 116 (No. 1956).
- P** Nomenclatura de Nyberg para o MS de Dastur Darab usado por Anquetil-Duperron. Supostamente presente em Suppl. Persan 417 of the Bibliothéque Nationale in Paris; cf. E. Blochet, Catalogue des manuscrits persan, I, Paris 1905, p.177 (No.212).
- S1** Nomenclatura de Nyberg para um MS usado por Salemann, supostamente presente no No. 99 de Dolgorukiy collection of the State Public Library in Leningrad; cf. B. Dorn, Bulletin de L'Académie Impériale des Sciences de St. Petersburg, I, 1860, p.364.

⁶¹ Há algumas informações não fornecidas por Junker, no entanto, visto que ele é bastante descritivo, eu assumi a falta de uma informação explícita sobre uma determinada característica como uma evidência de sua ausência no manuscrito.

S2 Nomenclatura de Nyberg para um outro MS usado por Salemann, supostamente presente no No. 99 de Dolgorukiy collection of the State Public Library in Leningrad; cf. B. Dorn, Bulletin de L'Académie Impériale des Sciences de St. Petersbourg, I, 1860, p.364.

U2-U7 Nomenclatura de Junker, o “U” designa os MSS pertencentes a Maneckjee Rustomjee Unvalla.

Tabela 2 - Os Manuscritos

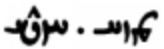
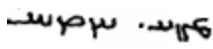
MSS	Tipo	Data	Autoria	Origem	<i>Pāzand</i> inter.	Pārsi inter.	Pālavī alf.	Avéstico alf.	Comb. letras
P.	orto.	18 cent.	D. Darab	indiano	✓	✓	-	-	-
DJ	-	1827	D. Jamshedji Jamasp Asa	indiano	-	-	-	-	-
ND [4]	-	X	X	indiano	-	-	-	-	-
DE	-	-	D. Edalji Daysbji Sanjana	indiano	✓	✓	✓	-	✓
M.	tema.	1724	-	iraniano	✓	-	✓	-	-
U2	tema.	X	X	-	X	X	X	X	X
U4a	tema.	X	X	-	✓	✓	X	X	X
U4b	tema.	X	X	-	X	✓	X	X	X
U6	orto.	X	X	-	X	X	✓	X	✓
U7	orto.	1864	X	indiano	X	X	X	X	X
Jf1	tema.	X	X	indiano	✓	✓	✓	X	X
Jf2	orto.	-	-	-	-	-	-	-	-
K	tema.	X	X	-	✓	X	✓	✓	X
O1	tema.	X	X	-	✓	✓	✓	✓	✓
O2	tema.	X	X	-	✓	X	-	-	✓

S1	tema.	-	-	-	✓	-	✓	✓	-
S2	orto.	-	-	-	X	✓	-	-	-

Poderia-se corretamente apontar que as características escolhidas nesta tabela para distinguir um manuscrito de outro pertencem ao campo extratextual e, portanto, não representam completamente aspectos válidos para ilustrar as tradições textuais mencionadas acima. Eles podem sinalizar, no entanto, a liberdade que os responsáveis por copiá-los tiveram para complementar o FiP como quisessem. Não havia, portanto, um processo de cópia padronizado nem um gerenciamento centralizado com relação à produção do FiP e, muito possivelmente, ao seu uso.

Isto é ainda mais evidenciado pelas diferentes ortografias, palavras, lemmata, capítulos e arranjos textuais que são compartilhados pelo manuscritos como Junker detalhou em sua edição. Por exemplo, compare a ortografia do primeiro lemma de Hoshangji com o de Nyberg:

Tabela 3

Editores	Hoshangji	Nyberg
Escrita pálavi		
Transliteração	MWN' - hwd'	MRWH[Y] - hwt'y
Transcrição	monā - khodā	mārōhī - xwatāi

Do persa médio ao persa moderno, *xwatāi* tornou-se خدا , cuja transcrição padrão é *khodā* ou *xodā*. Considerando que Hoshangji seguiu as leituras do *pāzand* ao escrever as transcrições, pode-se supor que um copista em um determinado momento foi “persuadido” pela versão interlinear do *pāzand* a mudar hwt'y para hwd', assim, o “y” final caiu e o “t” foi substituído por “d”. O copista também poderia ter feito essa alteração em busca de um glossário mais funcional: sabendo que *xwatāi* é *khodā*, o copista decidiu mudar a forma arcaica para a mais atual. Seja como for, hwt'y é sem dúvida a grafia mais antiga em manuscritos mais antigos.

5. O arranjo do FiP

Um exame mais profundo deste assunto com base nas observações de Junker não seria possível neste trabalho, pois Junker identificou os capítulos de acordo com a ordem apresentada no manuscrito de Salemann (S1) e não com base no conteúdo de cada um. Em outras palavras, para seguir as perguntas e considerações de Junker, é preciso, em primeiro lugar, estar familiarizado com a edição de Salemann. Apesar disso, é possível notar pequenas variações dos arranjos, mesmo que não se esteja inteiramente certo sobre o conteúdo da maioria dos capítulos.

S1: 1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10. 11. 12. 13. 14. 15. 16. 17. 18. 19. 20. 21. 22. 23. 24. 25. 26. 27. 28. 29. 30. 31. 32. 33. 34. 35

M: 33. 3. 2. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10. 11. 12. 13. 14. 15. 17. 18. 19. 1^a. 20. 21. 22. 23. 24. 25. 26. 27. 1. Ap. I. 29. 30. 31. Alf. Col.

O: 33. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10. 11. 12. 13. 14. 15. 17. 18. 19. 20. 21. 22. 23. 24. 25. 26. 27. 28. 29. 30. 31. Alf. Ap. III.

U4a: 33. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10. 11. 12. 13. 14. 15. 16. 17. 18. 19. 20. 21. 22. 23. 24. 25. 26. 27. 28. 29. 30. 31. Ap. III.

U4b: 33. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10. 11. 12. 13. 14. 15. 16. 17. 18. 19. 20. 21. 22. 23. 24. 25a. 25b. 26. 27. 28. 29a. 29b. 30. 31. Ap. III.

Jf1: 33. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10. 11. 12. 13. 14. 15. 16. 17. 18. 19. 20. 21. 22. 23. 24. 25. 26. 27. 28. 29. 30. 31.

U5: 33. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10. 11. 12. 13. 14. 15. 16. 17. 18. 19. 20. 21. 22. 23. 24. 25. 26. 27. 28. 29. 30. 31. Alf. Ap. III.

U2: 33. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10. 11. 12. 13. 14. 15. 16. 17. 18. 19. 20. 21. 22. 23. I. 24. 25. 26. 27. 28. 29. 30. 31. Ap. III. I. Verbos.

A principal diferença é a colocação do capítulo 33 no início de todos os MSS exceto no de Salemann (S1). Conforme descrito por Junker, o conteúdo do capítulo 1 é o nome dos dias e meses e o capítulo 33 começa com o lema *monā - khodā*. Ciente de que o nome tradicional do

FiP era *Monā Khodā* por serem as primeiras palavras do tesouro, Junker concluiu que S1 era um desvio não representativo da forma mais antiga do FiP. Fora isso, os MSS seguem em grande parte a mesma ordem capitular, sendo a única diferença marcante o deslocamento encontrado no MS M do capítulo 3 para antes do capítulo 2. Embora Junker tenha provado⁶² que esse deslocamento não foi original do protótipo de M, que seguia a ordem 33.2.3. e assim por diante, ele desconsiderou a transposição como uma alteração "sem qualquer razão". Eu, por outro lado, acredito que a troca de capítulos possa estar relacionada à visão cosmogônica do zoroastrismo.

De acordo com as edições de Nyberg e Junker, a ordem geral dos capítulos é: 1) o mundo espiritual, 2) o mundo material, 3) águas, 4) grãos e frutas, 5) beber, 6) legumes, 7) quadrúpedes, 8) aves, 9) outros animais, 10) partes do corpo, 11) família, 12) pessoas superiores, 13) pessoas inferiores, 14) equitação, 15) escrita, 16) metais, 17) procedimentos legais, 18-21) verbos, 22) verbos de ser e morrer, 23) sobre heterogramas (*uzvārišn*) para os escribas, 24) pronomes, 25) advérbios, 26) adjetivos, 27) divisão do ano, 28) nomes dos dias e meses, 29) números, 30) ortografias heterodoxas de palavras iranianas.

A maneira pela qual esses tópicos foram colocados em ordem assemelha-se à sequência da criação do mundo narrada na *Bundahišn* (Criação Primária), um dos textos religiosos mais importantes do zoroastrismo.

*Ele (Ohrmazd) primeiro criou o Céu, para segurar (o Espírito Maligno), há alguém que diz que é o primeiro; segundo, Ele criou a Água, para ferir o demônio de sede; terceiro, Ele criou a Terra, toda corporalidade; quarto, Ele criou Plantas, para o auxílio dos animais beneficentes bem-criados; quinto, Ele criou os animais beneficentes, para a ajuda dos homens justos; sexto, Ele criou o homem justo, para ferir e tornar impotente o espírito maligno e todos os seus demônios.*⁶³

⁶² Junker, p.21. "Mas a prova notável de sua falsidade é o fato de que o segundo capítulo, ao correr do folio 230 ao seu verso, acrescenta à última palavra *dōšax* (inferno) a palavra *sitīkar* (terceiro) com tinta preta e continua com caracteres vermelhos: *čahārom dar* (quarto capítulo)".

⁶³ Zeke Kassoock (2013).

O FiP compartilharia a visão cosmogônica exata da *Bundahišn*, estivesse o capítulo “Águas” antes de “O Mundo Material”. É possível que um sacerdote tenha percebido essa pequena divergência e “corrigido” o arranjo para que os dois trabalhos estivessem em perfeito paralelismo.

Por que o arranjo mais antigo, como se acredita, difere do da *Bundahišn* neste ponto é uma questão além do meu alcance no momento. De qualquer forma, está claro que o FiP é estruturado por três partes: ele começa com o mundo espiritual seguido de sua contraparte material e então inicia a criação de Ohrmazd: águas, plantas e alimentos em geral, animais e, finalmente, homem, cujo corpo foi desmembrado. Do capítulo 11 (família) ao 17 (procedimento legal), o glossário retrata o desenvolvimento de uma sociedade e sua estratificação social: começando com a menor unidade social, os capítulos passam por monarquia, sacerdócio, belicismo, escribas, metalurgia e questões judiciais. A última seção (18-30) é tão puramente instrutiva, no sentido de que não representa, à primeira vista, como as outras partes, uma perspectiva cultural, que poderia ser descrita como uma “proto gramática” do pállavi.

Se essas três partes estão desde o começo juntas, ou se foram unidas por eventos posteriores, não é ainda algo confirmado. No entanto, não é improvável que a estrutura e o conteúdo atuais do FiP provenham de um protótipo mais simples de um período mais distante.

6. A necessidade de um trabalho lexicográfico para os escribas sassânidas

Secretários e escribas (em persa médio *dibār*) eram os responsáveis por uma tarefa essencial para o funcionamento do Império Sassânida. A *Nāma-ye Tansar* (Carta de Tansar), cujo conteúdo é presumivelmente do séc. III, classifica os *dibārs* como os constituintes do terceiro estado da sociedade iraniana. A fonte divide a classe em quatro categorias: correspondentes oficiais, contadores, secretários judiciais e redatores de crônicas⁶⁴. Como os encarregados pela operação do sistema comunicacional, era não apenas necessário que eles fossem fluentes em várias línguas, mas também que fossem capazes de escrever e ler as diversas escrituras aplicadas

⁶⁴ Tafazzoli (2000), p. 2.

pelos persas, como demonstrado anteriormente por Ibn al-Muqaffa. A fim de manter um vasto sistema de *dibīrs* funcionando e padronizado, os escribas se formavam em escolas especializadas, os *dibīristāns*⁶⁵.

Por ser um centro de instrução, deve ter havido nos *dibīristāns* um aparelho de referência lexicográfica ou ao menos uma prática de escrita que permitisse que os alunos aprendessem a chamada ortografia *rawārašn*, em cuja maestria era imprescindível para a realização dos deveres dessa classe. Semelhantemente aos escribas da antiga Mesopotâmia, cujos "textos lexicais e sistema educacional eram a espinha dorsal da cultura mesopotâmica"⁶⁶, os *dibīrs* estavam muito possivelmente engajados na produção e/ou cópia de listas de *rawārašns* a fim de exercitarem seus conhecimentos sobre essa ortografia.

Um fragmento em pálavi do séc. IX ou X que coleta heterogramas juntamente com seus equivalentes iranianos⁶⁷ pode ser um eco desse sistema pedagógico do Império Sassânida, pois o fragmento não exhibe grafias em persa médio que exijam explicações diferentemente do FiP como visto no início deste capítulo.

Durante o período persa, o persa médio era a língua oficial e o pálavi dos livros a escritura principal para a escrita em pergaminhos ou papiros. Sendo assim, a dificuldade do pálavi dos livros sob esta administração estava quase completamente concentrada nos heterogramas, uma vez que as grafias arcaicas iranianas ainda eram faladas ou, se não, pelo menos facilmente decifráveis. Mesmo que este não tenha sido o caso, é razoável considerar que os *dibīrs* tenham coordenado os estudos de escrita por meio de dois ramos, ortografia *rawārašn* e ortografia iraniana, visto que era sabido que as duas eram de naturezas diferentes e que, portanto, não havia motivo de tratá-las como se fossem iguais ao juntá-las indistintamente em algum trabalho. Entretanto, se sempre tivessem existido trabalhos explicativos para esclarecer tanto os heterogramas quanto as grafias iranianas, que constituem os dois elementos lexicais do pálavi dos livros, a afirmação de Ibn Ḥawqal no séc. X de que a "língua pálavi agora requer um comentário ou tratado explicativo" não faria sentido uma vez que, nessa hipótese, todas os elementos do pálavi dos livros estariam sendo explicados desde o domínio sassânida.

⁶⁵ Tafazzoli (2000), p. 27.

⁶⁶ Civil (1995), p. 2305.

⁶⁷ Boyce (1968), p.64.

A necessidade de um trabalho lexicográfico e de práticas de escrita para o funcionamento do estado sassânida é, no meu entendimento, onde se situa a origem dos primeiros modelos do FiP. Mais tarde, como Boyce sugeriu⁶⁸, grafias iranianas foram adicionadas a esses modelos lexicográficos, os quais posteriormente teriam se desenvolvido em *Frahang-ī Pahlavīks*.

⁶⁸ Idem Ibidem.

PENSAMENTOS FINAIS

O *Frahang-ī Pahlavīk* é um produto de diferentes recensões, cujas origens remontam ao Império Sassânida por meio do desenvolvimento do pálavi dos livros. Inicialmente, os trabalhos dessa natureza devem ter explicado apenas os heterogramas, uma vez que as palavras em persa médio, mesmo em suas formas arcaicas, eram muito possivelmente compreendidas pelos falantes do persa médio instruídos em pálavi. Eles foram produzidos e consumidos principalmente por escribas, que o usaram, refletindo livremente agora, primeiro como um exercício de escrita para se tornarem bem versados na ortografia *rawārašn* e, em segundo lugar, como uma referência para escrever e ler. Nesse sentido, o funcionamento do sistema *rawārašn* dependia muito das peças lexicográficas sassânidas.

Após a invasão árabe, o sistema tradicional de escrita iraniana foi substituído pelo alfabeto árabe, transformando a comunidade zoroastriana como os guardiões do “antigo sistema”, uma vez que os zoroastristas eram os únicos interessados em mantê-lo vivo por causa do seu valor textual para a religião. Com o empobrecimento dos seguidores do zoroastrismo, as tradições religiosas, como o estudo dos textos e de seus sistemas de escrita, foram comprometidas. Esse estado decadente levou os zoroastristas a acrescentar palavras iranianas ao seu trabalho de referência no séc. X o mais tardar de acordo com a declaração de Ibn Hawqal de que o pálavi precisava de ferramentas externas para ser lido. Além disso, essas adições não poderiam ter acontecido num período mais avançado, pois elas exigiam dos compiladores que entendessem as ortografias arcaicas e que tivessem conhecimento suficiente sobre o pálavi a fim de que pudessem fornecer alternativas mais fáceis de soletrá-las.

Apesar dos esforços dos zoroastristas em preservar o conhecimento palaviano, o sistema tornou-se cada vez mais obscuro para seus leitores, e, assim, os grafemas do avéstico foram usados para transcrever os textos em pálavi. A transcrição, no entanto, ocorreu em um período em que o pálavi já era significativamente mal compreendido, como consequência, algumas palavras em persa médio receberam leituras longínquas de seus sons originais. Os heterogramas

também foram transcritos para compostos fonéticos que não representavam a pronúncia do Império Aquemênida à qual os grafemas aludem.

As transcrições em *pāzand* sinalizam uma mudança importante na percepção do que é o pálvavi pelos seus leitores. Os erros de transcrições nas palavras iranianas criaram vocabulários falsos, que foram agrupadas com os heterogramas como parte do léxico de uma língua diferente do persa médio. Pálavi, assim, adotou uma realidade linguística e o *Frahang ī Pahlavīk* tornou-se um glossário bilíngüe: Pálavi-Pārsi (edição de Anquetil-DuPerron) ou então Pálavi-Pāzand (edição de Hoshangji).

Nesse momento, o tesouro já era profusamente lido seguindo as entrelinhas em *pāzand* a fim de se ter os lemmata memorizados⁶⁹: *monā khodā, jātan yazad, anhomā ohrmazd*, e assim por diante. Ao combinar a memória visual das palavras escritas com os seus respectivos sons inventados, os sacerdotes conseguiam identificar os heterogramas nos textos e, em sucessão, associá-los ao seu análogo iraniano. O sistema *rawārašn*, assim, sobreviveu à crise do pálvavi.

Com o tempo, o *Frahang-ī Pahlavīk*, sendo uma ferramenta pedagógica, foi ajustado pelos seus leitores para suprir suas demandas pedagógicas. Foram acrescentadas novas palavras e talvez novos capítulos. Aqueles consumidores confiantes em sua erudição na escrita pálvavi ou aqueles que procuravam melhorar o FiP como um guia prático mudaram a ortografia de algumas palavras, arranjo de capítulos e a composição de lemmata para o que eles acreditavam ser mais adequado para seus propósitos. Como resultado, existem agora pelo menos três principais tradições textuais, de acordo com a pesquisa de Junker⁷⁰.

Este foi um resumo do que esta pesquisa foi capaz de produzir em relação aos pontos básicos da produção e uso do FiP. As deduções apresentadas nesta monografia são, naturalmente, limitadas às fontes que foram usadas, o que significa que elas não devem ser tomadas como verdades absolutas, mas sim como possíveis explicações. Um exame rigoroso do tesouro exigiria não apenas uma análise intra-textual, como fez Junker, mas também um mapeamento completo de seu léxico com outras fontes em persa médio.

⁶⁹ Hoshangji (1870), p.IX: “este pequeno glossário é considerado pelos Desturs como a fundação, ou o principal pilar, do chamado 'aprendizagem Huzvānash' (*rawārašn*), o qual eles adquirem aprendendo todas as palavras neste glossário, com os seus significados em *pāzand* (i.e. persa médio), de cor”.

⁷⁰ Junker (1912), p. 48.

Grande parte do FiP permanece sem resposta e ainda há aspectos a serem explorados. Qual é a relação entre os manuscritos indianos e iranianos? Seria o FiP, em sua forma atual, um produto dos parsis, o que sugere que o tesouro foi posteriormente apresentado aos sacerdotes do Irã? Quais são as diferenças e semelhanças entre o *Frahang ī Pahlavīk* e o *Frahang ī Ōīm* e o que elas podem nos dizer sobre a história do FiP?

Além do valor inerente ao FiP como o mais antigo produto lexicográfico persa, o tesouro impactou, ainda que ligeiramente, a elaboração de referências neo-persas:

Embora o conteúdo e o arranjo variem em recensões diferentes, o trabalho parece ter sido um manual não apenas de uzvārishn, mas também de tradição e prática tradicional para os escribas do persa médio. Os tópicos tratados representavam claramente uma enciclopédia persa tradicional e foram recapitulados em grande parte nos gêneros neo-persas de andarz (conselho sábio) e adab (etiqueta) como representados nos Qābus-nāma e Chahār Maqāla do séc. XI. [...] Em termos de uso lexicográfico e para escribas, o Frahang-i Pahlavīg deu aos farhangs do novo persa (dicionários de definição, que supostamente começaram a aparecer antes do sec. IX) não apenas sua designação, mas também o nome e uso de sua unidade estrutural, o dhar 'tópico, categoria, seção, capítulo.' A palavra persa inspirou o "calque", a palavra persa-árabe (e portanto árabe) bāb "capítulo", etc., ao acrescentar ao sentido árabe de "portão, porta" a metáfora abstrata de seu sinônimo persa. Essa rubrica foi aplicada não apenas às divisões temáticas, mas também às divisões alfabéticas dos dicionários persas até o final do século XIX (época em que a prática de alfabetização rigorosa já havia há muito tornado redundante). (PERRY, 2012, pp. 84-85.)

Quanto aos estudos sobre o zoroastrismo, o {*Frahang-ī Pahlavīk*, além de ser um produto da visão de mundo de zoroastristas, pode ter afetado outros livros da tradição textual em páavi:

Mas seria surpreendente se o Frahang fosse apenas um produto e não ao mesmo tempo um agente de trabalho. Ele era e ainda é o vademecum dos estudiosos de Parsi, tendo assim, por assim dizer, a administração da tradição. Não nos atrevemos a imaginar que sua influência na formação dos textos páavi seja pequena demais. Particularmente quanto à extensão e uso de heterogramas, pode ter atuado uma parte importante. Não só algumas grafias entraram no Frahang vindo da literatura, como muitas grafias

entraram na literatura pela mediação de aprender o Frahang de cor. (JUNKER, 1912, p. 18.)

Com essas duas citações elucidando o valor do FiP em vários estudos, concluo satisfatoriamente esta monografia com a esperança de que o campo da Iranologia possa explorar ainda mais o pleno potencial do FiP como fonte histórica, religiosa, lexicográfica e lingüística.

Bibliografia

Fontes primárias

- DODGE, Bayard. *The Fihrist of al-Nadīm: a tenth-century survey of muslim culture*, Volume 1. London: Cambridge University Press, 1970.
- HAUG, Martin; ASA, Hoshangji. *An Old Pahlavi-Pazand Glossary*. Bombay: Government Central Book Depot., 1870.
- JUNKER, Heinrich F. J. *The Frahang i Pahlavīk*. Heidelberg: C. Winter, 1912.
- KASSOCK, Zeke. *The Greater Iranian Bundahishn*. Fredericksburg: Kassock Bros., 2012.
- NYBERG, Henrik. *Frahang ī Pahlavīk*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1988.
- OUSELEY, WILLIAM. *The Oriental Geography of Ebn Haukal*. London: Oriental Press, 1800.

Fontes secundárias

- ANQUETIL-DUPERRON, Hyacinthe. *Le Zend-Avesta: ouvrage de Zoroastre, contenant les idées théologiques, physiques & morales de ce législateur, les cérémonies du culte religieux qu'il a établi, & plusieurs traits importants relatifs à l'ancienne histoire des Parses vol. 1*. Paris: N. M. Tilliard, 1771.
- AZARNOUCHE, Samra. “Deux modes de transmission dans la tradition scripturaire zoroastrienne: interdépendance du pehlevi et du *pāzand*” in: *Scribes and Readers in Iranian and Central Asian Manuscript Traditions*. Paris, 2014.
- BOYCE, Mary. “The Parthian *gōsān* and Iranian Minstrel Tradition” in: *JRAS*, 1957, pp. 10-45.
- _____. “Middle Persian Literature” in: *Handbuch der Orientalistik*, 1.4.2.1, ed B. Spuler et al., Leiden and Cologne, 1968, pp. 31-66.
- CIVIL, Miguel. “Ancient Mesopotamian lexicography” in: *Civilizations of the Ancient Near East*. New York: Charles Scribner’s Sons, 1995.

- DAVIS, Dick. "The Problem of Ferdowsi's Sources" in: *Journal of the American Oriental Society*, Vol. 116, No. 1. 1996.
- FRYE, Richard. *The History of Ancient Iran*. München: Beck, 1983.
- GELB, Ignace. *A Study of Writing*. Chicago: University of Chicago Press, 1952.
- HALE, Mark. "Pahlavi" in: *The Ancient Languages of Asia and the Americas*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- JONG, Albert. "Pazand and 'retranscribed' Pahlavi: On the Philology and History of Late Zoroastrian Literature" in: *Persian Origins: Early Judaeo-Persian and the Emergence of New Persian*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2003.
- LAZARD, Gilbert. "Du pehlevi au persan: diachronie ou diatopie" in: *Persian Origins - Early Judaeo-Persian and the Emergence of New Persian*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2003.
- MACKENZIE, David. *A Concise Pahlavi Dictionary*. Londres: Oxford University Press, 1986.
- _____. "Frahang i Pahlavik" in: *Encyclopaedia Iranica*, vol. X/2, pp. 123-125.
- MCCARTHUR, Tom. "Thematic Lexicography" in: *The History of Lexicography*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1986.
- MOEIN, Hamid. *On Pāzand: Philological comparison with Pahlavi*. Montreal: Concordia University, 2012.
- PERRY, John. "New Persian: Expansion, Standardization, and Inclusivity" in: *Literacy in the Persianate World*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2012.
- POURSHARIATI, Parvaneh. *The Decline and Fall of the Sasanian Empire*. London: I.B. Tauris, 2008.
- _____. "The Parthians and the Production of Canonical Shanamas: Of Pahlavi, Pahlavani and the Pahlav" in: *Commutatio and Contentio*. Welem Verlag: Dusseldorf, 2010.
- SKJÆRVØ, Prods. 1985. Thematic and linguistic parallels in the Achaemenian and Sassanian inscriptions. *Acta Iranica* 25:593-603.
- _____. "Iranian alphabets derived from Aramaic" in: *The World's Writing Systems*. New York and Oxford: Oxford University Press, 1996.
- _____. "Middle West Iranian" in: *The Iranian Languages*. London: Routledge, 2009.

_____. *Pahlavi Primer*. Cambridge, 2007.

STERKENBURG, Piet. "The' dictionary: Definition and history" in: *A Practical Guide to Lexicography*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2003.

WATSON, Rita. "Archaic lists, writing, and mind" in: *Pragmatics and Cognition* 21:3 (2015): 484-504.

WIESEHOFER, Josef. "Fratarakas" in: *Encyclopaedia Iranica*, vol. X/2, p. 195.

YARSHATER, Ehsan. *Introduction* in: *The Cambridge History of Iran*, v. 3(I). Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

Declaração de Autenticidade

Eu, Ana Carolina Bittencourt Leite, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado *Uma Introdução ao Frahang-i Pahlavik* foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.

Brasília, 05 de outubro de 2018.

Ana Carolina Bittencourt Leite

